UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL? DO FIM DA HISTÓRIA A OUTROS SENTIDOS POSSÍVEIS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maurício Beck

Santa Maria, RS, Brasil.
2005

UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL?
DO FIM DA HISTÓRIA A OUTROS SENTIDOS POSSÍVEIS

por

Maurício Beck

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

Orientadora: Profª.dr. Amanda Eloina Scherer

Santa Maria, RS, Brasil
2005

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL? DO FIM DA HISTÓRIA A OUTROS SENTIDOS POSSÍVEIS

elaborada por
Maurício Beck

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Amanda Eloina Scherer, Dr.
(Presidente/Orientador)

Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin, Dr. (UNESP)

Vera Lúcia Pires, **Dr.** (UFSM)

Santa Maria, 30 de maio de 2005.

> E quando MARX nos convida a transformar o mundo ao invés de interpretá-lo, nada mais faz do que apresentar o discurso filosófico na sua dimensão mais original e que ainda lhe é contemporânea: conhecer para agir e agir para transformar.
>
> Tiellet

Esta dissertação é dedicada à memória do professor Paulo Cézar Tiellet. Sem o privilégio que tive de conhecê-lo, sem nossas convergências insuspeitas e nossas divergências instrutivas (para mim), o presente texto não teria se materializado como trabalho acadêmico.

AGRADEÇO:

Aos professores, colegas e amigos que, nos diálogos travados nestes dois anos, contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao apoio financeiro da CAPES.

Ao PROCAD.

Os protestantes de Seattle ou de Praga de modo algum estão unidos na sua compreensão do capital. O elemento reformista acredita verdadeiramente no “Capital com uma face humana” e não partilha de nenhuma linguagem comum com os anarquistas, etc. Como resultado, alianças feitas acerca das emoções da confrontação tendem a se dissolver quando questões estratégicas são levantadas.

Hakim Bey

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL? DO FIM DA HISTÓRIA A OUTROS SENTIDOS POSSÍVEIS

Autor: Maurício Beck
Orientadora: Amanda Eloina Scherer
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de maio de 2005.

Dentro da perspectiva teórica da Análise do Discurso de vertente francesa, realizamos um trabalho de análise do *slogan* do Fórum Social Mundial: *Um outro Mundo é Possível*, e da letra da música de Tom Zé: *Unimultiplicidade*. O Fórum Social Mundial é um evento que busca mobilizar e articular variados movimentos sociais, ONGs, ativistas e entidades civis por meio do diálogo e do debate. A proposta do evento é construir em conjunto uma alternativa viável ao capitalismo neoliberal. A questão que colocamos é saber como se inscreve este acontecimento na memória política de nossa época, sob o prisma dos acontecimentos políticos de 1989-2001. A polêmica entre a *esquerda* e a *direita* é atualizada pela afirmação de outro mundo possível? Que *esquerda* é esta que é mobilizada pelo *slogan* do FSM? A heterogeneidade das esquerdas atuais não aparece como questão no neologismo *Unimultiplicidade*, título da música que Tom Zé fez especialmente para o evento do FSM? E a asserção de Althusser, de que a fusão do materialismo histórico com o movimento operário é o maior acontecimento da História Moderna, ainda é válida em relação aos movimentos sociais do século XXI? O que é ser marxista hoje? Qual é a função do analista frente aos movimentos sociais de hoje? Estas são as questões centrais que abordaremos na presente dissertação.

Palavras-chaves: Heterogeneidade, Ideologia, movimentos sociais.

ABSTRACT

Master Dissertation
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

IS ANOTHER WORLD POSSIBLE? FROM THE END OF HISTORY TO OTHER POSSIBLE SENSES

Author: Maurício Beck
Adviser: Amanda Eloina Scherer
Date and Place of the Presentation: Santa Maria, 30 May 2005.

Under the theoretical perspective of Discourse Analysis from French source, we accomplished an analysis of the World Social Forum *slogan*: *Another World is Possible*, and the lyrics of Tom Zé's song: *Unimultiplicidade* (Unimultiplicity). The World Social Forum is an event which searches the mobilization and articulation of many social movements, NGO, activists and civil entities through conversation and debate. The event proposal is to construct in group a viable alternative to neoliberal capitalism. The question we propose is to know the way this happening inscribes itself in the political memory of nowadays upon the aspect of political occurrences from 1989 to 2001. Is the polemic between the Right Wing and the Opposition updated by the declaration of another possible world? What Opposition is that mobilized by WSF *slogan*? Does the heterogeneity of the early Oppositions not appear as a question in the neologism *Unimultiplicidade* (Unimultiplicity) title of the song Tom Zé made especially for the event of WSF? In addiction, is Althusser's assertion that the fusion of both historical materialism with worker movement the biggest occurrence of Modern History a still valid matter in relation to social movements in the 21st century? What is being a Marxist today? What is the function of an analyst before the social movements of nowadays? These are the main questions we are going to approach in the present study.

Key words: Heterogeneity, Ideology, Social Movements

SUMÁRIO

RESUMO **6**

ABSTRACT **7**

INTRODUÇÃO **9**

1 SITUANDO E DELIMITANDO O TEMA **13**

1.1 ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS SOBRE O FSM 16

2 ACONTECIMENTOS POLÍTICOS **19**

2.1 O FIM DA HISTÓRIA: CONSENSO OU POLÊMICA? 19

2.2 A QUEDA DO MURO DE BERLIM. 22

2.3 O CONSENSO DE WASHINGTON 24

2.4 O PENSAMENTO ÚNICO NEOLIBERAL 26

2.5 MOVIMENTOS ANTIGLOBALIZAÇÃO 28

2.6 FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 30

3 MOBILIZANDO CONCEITOS DA BASE TEÓRICA DA AD **33**

3.1 A IDEOLOGIA TEM UMA EXISTÊNCIA MATERIAL 35

3.2 A MATERIALIDADE LINGÜÍSTICA 37

3.3 A MATERIALIDADE DISCURSIVA 38

3.4 AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS 39

4 SOB O PRISMA DA MATERIALIDADE DISCURSIVA **44**

4.1 UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL 44

4.2 UNIMULTIPLICIDADE 55

5 A PROBLEMÁTICA IDEOLÓGICA **61**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **72**

BIBLIOGRAFIA **75**

INTRODUÇÃO

> Aqueles que falam de revoluções e luta de classes sem se referirem à vida cotidiana, sem compreenderem o que há de subversivo no amor e de positivo na recusa das coações, esses têm na boca um cadáver.
>
> Raoul Vaneigem

A presente dissertação tem como temática o Fórum Social Mundial (doravante FSM), evento político e midiático de repercussão mundial que ocorreu pela primeira vez em janeiro de 2001. A reedição periódica do FSM agrupa milhares de sujeitos/ativistas de movimentos sociais, civis, ecológicos e organizações não governamentais das mais variadas nacionalidades todo início de ano. O Fórum se caracterizou por ser um *locus* de trocas de experiências, debate, discussão e articulação de idéias e posições de cunho eminentemente político-social. Posições que contestam o discurso neoliberal e a globalização econômica *sem limites* agenciados pelos governos – especialmente os do chamado primeiro mundo – e, principalmente, por entidades internacionais como o Fórum Econômico Mundial, que ocorre anualmente em Davos, Suíça.

O estudo desta temática na perspectiva da Análise de Discurso de escola francesa (doravante AD) se mostra pertinente por uma série de aspectos, a começar pela própria história da AD, desde seus primórdios, ligada ao político (ainda que venha ampliando seu campo de pesquisa nos últimos anos). Pêcheux, teórico fundador da escola, em sua obra *Semântica e Discurso* (1997) buscou articular uma "tríplice aliança" formada pelo Marxismo, pela Psicanálise e pela Lingüística

Estrutural, sendo que, de início, coube ao materialismo histórico de leitura althusseriana (sobretudo a partir da teoria sobre os aparelhos ideológicos de Estado) o papel preponderante nesta aliança. Pêcheux buscou explicar a questão semântica – a da produção/atribuição de sentido – na imbricação que há, segundo o autor, entre linguagem e ideologia. É na *materialidade própria* desta imbricação que se constitui o discurso, objeto por excelência da AD.

Considerando-se que a natureza do FSM, enquanto ativismo político mesmo, é eminentemente discursivo, desdobra-se outro aspecto que faz deste evento um *corpus* rico para uma análise lingüística e discursiva, permitindo levantar questões e hipóteses que uma perspectiva de análise embasada nas ciências sociais não colocaria. O discurso, debate, diálogo entre ativistas, intelectuais, testemunhos, etc. é o objetivo principal do FSM. Uma vez que o evento se realiza pelo e no discurso, seus integrantes *atuam* produzindo e fazendo circular (ou não) discursos. Fazem exceção: as contestações, manifestações, passeatas, dramatizações que, no entanto, têm um caráter de espetáculo (DEBORD, 1997), tendo em vista que seus principais antagonistas estão distantes geograficamente – Suíça.

A princípio, a pergunta que podemos colocar, a partir da perspectiva da AD, é: como se articula o funcionamento desta produção/circulação de discursos? Que posições ideológico/políticas tomam os sujeitos que discursam no FSM? Falam todos de uma mesma posição/formação discursiva? Ou são posições heterogêneas?

Essa última questão nos remete a outro aspecto do FSM que o torna pertinente como fenômeno político a ser analisado e que possibilita levantar novas questões dentro do terreno teórico da AD: a sua novidade enquanto movimento sócio-político. Segundo Arturi (2004), com o fim da Guerra Fria e início da globalização econômica, no final da década de 80 do século passado, os estados nacionais deixaram de ser os únicos protagonistas nas relações internacionais e cederam espaço para entidades, empresas e congregações multinacionais. Por outro lado, a crise do socialismo real, simbolizada pela queda do muro de Berlim, acabou por desarticular as organizações de esquerda de molde marxista com base em partidos políticos ortodoxos.

Ainda de acordo com Arturi (2004), o FSM, assim como os novos movimentos sociais da atualidade (muitas vezes denominados movimentos antiglobalização), apresenta características relacionadas às mudanças apontadas acima: é um movimento de caráter mundial, tanto pela articulação de ativistas das mais variadas nacionalidades, como pelo objetivo de contestar e buscar interferir na ordem política econômica do *mundo* como *um todo*. E enquanto *atuação* se caracteriza por agir e participar diretamente nas decisões e por trabalhar em redes de relações não hierárquicas ou com hierarquias mais fluidas que as tradicionais.

Numa concepção mais restrita de política, podemos dizer que são movimentos majoritariamente sociais, e não políticos, uma vez que não privilegiam a constituição de partidos representativos e a disputa de poder no âmbito do Estado. Embora muitos de seus participantes e organizadores especialmente no caso do FSM sejam políticos com filiação partidária, os eventos e as mobilizações destes movimentos dão ênfase à participação e ação diretas, mesmo que local, de todos os interessados.

Por fim, a crise do socialismo real, já mencionada, e as conseqüências que ela traz para a prática teórica do materialismo histórico (e sua articulação com os movimentos de esquerda) são outro aspecto que confere atualidade e pertinência ao estudo do discurso do FSM. Sendo o arcabouço teórico da AD tão imbricado com o materialismo histórico, cabe indagar que efeito tem esta crise sobre a sua base teórica. Nossa hipótese é de que o FSM é, em parte, conseqüência desta crise. Sintoma da “fragmentação das esquerdas”, o FSM coloca a questão para os analistas de discurso: – O que é ser marxista hoje? Esta questão perpassa todas as demais, e, à medida que avançarmos em nosso percurso, será retomada.

Desenvolveremos nosso percurso em etapas. No primeiro capítulo, situaremos e delimitaremos nosso *corpus*. Tratando-se de um trabalho dentro da perspectiva teórica da AD, a delimitação do *corpus*, desde o início, necessariamente, mobiliza a teoria. No caso específico de nossa temática, o *corpus* mobiliza e problematiza a teoria.

No segundo capítulo, faremos um breve histórico dos acontecimentos políticos que antecederam o surgimento do FSM. A perspectiva tomada no relato

dos eventos será a discursiva, muito embora apenas pontualmente façamos digressões interpretativas. O fio do relato será cronológico, retomaremos historiadores renomados e o discurso de entidades importantes no destino político contemporâneo.

No terceiro capítulo, definiremos nosso dispositivo teórico/analítico. A construção deste dispositivo partirá das problemáticas levantadas no capítulo anterior. Os conceitos-base trabalhados nesse capítulo serão necessários para viabilizar a mobilização de conceitos da AD mais pertinentes à análise.

A análise do discurso sobre o FSM será desenvolvida no quarto capítulo. Tomaremos como enunciados de referência de nossa análise o *slogan* do FSM: *Um Outro Mundo é Possível*, e o neologismo título da música de Tom Zé: *Unimultiplicidade*. Descrição e interpretação serão dois momentos lógicos que se mesclarão na dimensão cronológica do texto. Nesse capítulo, os eventos descritos no capítulo segundo serão retomados enquanto enunciados inscritos na memória discursiva de nossa época.

No quinto capítulo, abordaremos a problemática ideológica em relação ao *corpus* analisado no capítulo anterior e em relação ao arcabouço teórico da AD. A problematização da teoria da AD pelo fenômeno do FSM enquanto evento sintomático da fragmentação/multiplicidade das esquerdas atuais se dá em relação à asserção althusseriana acerca da fusão do materialismo histórico com o movimento operário. A validade desta asserção é esvaziada pela multiplicidade dos movimentos supracitados? Questões, talvez, *imperdoáveis* que desdobraremos nesse capítulo.

1 SITUANDO E DELIMITANDO O TEMA

Um pesquisador, eu? Oh, não use a palavra! Sou somente pesado – de muitos quilos! Eu caio, caio sem parar. E enfim chego ao fundo!

Nietzsche

Tendo como referencial teórico a AD, visamos a interpretar – numa expressão foucaultiana – *o que se passa* no seio do FSM, este simpósio de movimentos sociais da atualidade. Contudo, diante de um evento tão grande e multifacetado – um evento de multidões e que tem como uma de suas características o espetáculo (DEBORD, 1997) – é preciso delimitar nosso *corpus* para, dentro da proposta de uma dissertação de mestrado, articular nossa análise. Diante de uma massa de sujeitos motivados por interesses (talvez) díspares, cabe a pergunta de como se constituiu a mobilização desta multidão participante do FSM. Acreditamos que o *slogan* do evento: *Um Outro Mundo é Possível*, sendo *uma palavra de propaganda*, possa nos ajudar a compreender como se articula esta mobilização *em massa* de variados atores sociais e políticos. Além disso, o *slogan* pode permitir um melhor entendimento de como se dá o funcionamento do discurso do FSM em relação a outros discursos políticos, tendo em vista que *Um Outro Mundo é Possível* é a afirmação de alternativas ao mundo atual. O mundo atual e os discursos que legitimam sua forma de organização social e econômica são questionados, se não negados. Um dos focos de nossa análise será, por conseguinte, o *slogan* do FSM.

Consideramos que o FSM é eminentemente contestatório e alternativo à política econômica de nossa época, assentada no pensamento neoliberal. Por outro lado, consideramos esta temática política como uma problemática que pode trazer novas (ou antigas) questões para a AD, cuja própria história é marcada pela sua relação com a prática política.

Desde sua constituição enquanto teoria, a Análise de Discurso de vertente francesa tem desenvolvido inúmeros estudos no campo dos discursos políticos (MALDIDIER, 2003). Michel Pêcheux foi um intelectual engajado nas lutas políticas de sua época. Ele fez parte do círculo informal althusseriano (GREGOLIN, 2004), do partido comunista francês, e sua produção teórica na constituição da AD esteve estreitamente ligada com suas convicções e práticas políticas. De início, sendo marxista leninista como Althusser, isto significa coerência com suas posições teóricas.

Para o materialismo histórico é preciso, mais do que compreender o mundo, transformá-lo. Segundo Maldidier (2003), Pêcheux, Henry e Plon planejavam fazer da AD uma "máquina de guerra", ou "um cavalo de Tróia" que levaria para dentro da academia uma prática teórica revolucionária. A Análise de Discurso articulou então um dispositivo teórico, cujo objetivo último era de ordem política e que tinha como foco de análise os próprios *discursos políticos*. Daí a problemática central ser, naquela época, a relação do âmbito discursivo com o ideológico.

Dentro desta perspectiva, a temática que nos propomos analisar, o discurso do FSM, a princípio, parece estar em continuidade com a abordagem da AD dos anos 60, pois o discurso do FSM é de cunho político, visa a promover transformações no social e no econômico do mundo de hoje. Bastaria, portanto, mobilizarmos o dispositivo teórico da AD para descrever e interpretar os enunciados pertencentes a um *corpus* por nós delimitado. Contudo, foi seguindo esse itinerário que nos defrontamos com descontinuidades. Descontinuidades tanto no *corpus* da temática estudada – que se desdobra em um estudo de acontecimentos pontuais políticos e discursivos dos últimos 15 anos –, como no campo da teoria da AD, que não cessou de se deslocar desde sua constituição. Descontinuidades que se imbricam, como veremos no desenvolvimento do trabalho.

Com referência aos deslocamentos, desconstruções e reconstruções da teoria e do método da AD, Maldidier (2003) e Gregolin (2004) propõem que Pêcheux não deixou de problematizar suas teorizações e de rearticulá-las com os acontecimentos dos anos 60, 70 e 80, pois a radicalidade da articulação da tríplice aliança – materialismo histórico, psicanálise, lingüística estrutural – assim o exigiam. Mas é, sobretudo, em relação ao materialismo histórico que Pêcheux vai se deslocar. Segundo Gregolin (2004), embasada em Courtine e Maldidier, no início da década de 80:

> As decepções políticas, a fragmentação das esquerdas, a crise simultânea do marxismo e do estruturalismo, a "morte" de Althusser levam Pêcheux a operar aquilo que Maldidier (1990) entende como uma "desconstrução dirigida" (...). Entretanto, Courtine (1990) não concorda com a idéia de que a desconstrução teórica tenha sido "dirigida", "controlada"; ao contrário, para ele, ela foi "uma tentativa extremamente problemática de *aggiornamento* pós-marxista tornado inevitável pelo vazio teórico e político" que havia se instalado com a crise que tornou inviável o projeto althusseriano. (GREGOLIN, 2004, p. 153)

Os motivos que levaram à desconstrução teórica, dirigida ou não, da AD efetuada por Pêcheux se correlacionam diretamente com o tema da presente dissertação, visto que a *fragmentação das esquerdas* e *as decepções* políticas do início dos anos 80 se fazem sentir ainda hoje em movimentos políticos como o FSM. Adiantamos a tese de que a crise local (do *inverno político francês*, cf. Pêcheux, 1997) adquiriu um caráter global a partir de 1989. Por conseguinte, a crise do marxismo e do projeto althusseriano, em parte como repercussão dos acontecimentos políticos mais gerais na teoria, exigem reflexão sobre o dispositivo teórico da AD de que nos serviremos em nossa análise, pois se tratarmos nosso *corpus* a partir de um dispositivo teórico que desconsidere as transformações sofridas pela AD no decorrer de sua existência, nos afastaremos da proposta de Pêcheux, que sempre problematizou a prática teórica a partir de outras modalidades de práxis, e vice-versa.

Ademais, temos como hipótese a de que os acontecimentos que são objetos de nosso estudo, na esteira daqueles que ocorreram nos anos 70 e 80, colocam uma abordagem da AD conforme a sua configuração dos anos 60 (marxista althusseriana) diante de um problema marxista clássico, abordado por Althusser (1972) e retomado por Pêcheux (1997): o problema da fissão/fusão da teoria do

materialismo histórico com o movimento revolucionário do proletariado. Uma descrição inicial do evento do FSM permitirá desdobrar melhor esta problemática.

1.1 Algumas palavras iniciais sobre o FSM

Era janeiro de 2001, primeiro mês do novo século, iniciava-se o terceiro milênio. Na "honesta, próspera e antiglobalista" Porto Alegre – palavras de Hobsbawm (2002, p. 416) –, aconteceu o primeiro Fórum Social Mundial, contrastante e concomitante ao Fórum Econômico Mundial, que ocorria em Davos, na Suíça. Os movimentos antiglobalização, as críticas ao neoliberalismo, os múltiplos discursos contra a unicidade do *pensamento único* se entrecruzavam em Porto Alegre. Pela primeira vez, desde o surgimento das manifestações antiglobalização, em 1998, as esquerdas tinham um local de encontro próprio, um *locus* diverso daquele das agências internacionais, dos bancos e dos especuladores neoliberais. Nas próprias palavras de Francisco Whitaker:

> Propunha-se realizar um outro encontro, de dimensão mundial e com a participação de todas as organizações que vinham se articulando nos protestos de massa, voltado para o social – o Fórum Social Mundial. Esse encontro teria lugar, para se dar uma dimensão simbólica ao início dessa nova etapa, nos mesmos dias do encontro de Davos em 2001, podendo a partir daí se repetir todos os anos, sempre nos mesmos dias em que os grandes do mundo se encontrassem em Davos. (WHITAKER, 2004)

O Fórum Social Mundial buscava ser um espaço de encontro e debate entre inúmeros ativistas políticos/sociais individuais e coletivos, visando construir alternativas ao mundo globalizado e neoliberal. Sua periodicidade é anual (em 2002 e 2003, Porto Alegre foi a sede; em 2004, a sede foi Mumbai, na Índia; e, em 2005, o FSM retornou a Porto Alegre).

Por sua própria natureza de fórum, o FSM não se definiu como um discurso (único) de esquerda em contraposição ao neoliberalismo. Mas, para usar uma expressão da música que o cantor e compositor Tom Zé cantou no *show* que realizou durante o evento, buscou-se uma *unimultiplicidade*, ou seja:

> No espírito do Fórum Social Mundial, isso intera não apenas uma resistência, mas diversas resistências e múltiplas alianças. Precisamos, por isso mesmo, identificar perspectivas convergentes dessas questões colocadas pelo atual estado das coisas que carregam em si uma dimensão universal que perpassa a diversidade dos participantes do FSM, de forma a basear-se nos resultados dos Fóruns anteriores e no que alimenta o processo hoje. (FSM, 2004)

A expressão *unimultiplicidade*, na associação dos antônimos *múltiplo* e *uno*, comporta uma ambivalência que precisa ser problematizada. Como dar sentido a essa união dos múltiplos buscada pelos sujeitos que participam deste evento? Não reaparece aqui o fenômeno *da fragmentação das esquerdas* mencionado por Gregolin (2004)? A heterogeneidade dos movimentos de esquerda da atualidade recoloca a problemática com que Pêcheux se viu envolvido em sua última década de vida. E desde então a crise da esquerda, sobretudo a marxista, só tem se acentuado. Ademais, parece-nos que essa busca de convergências é sintomática em uma época em que as esquerdas se encontram enfraquecidas pelo colapso soviético da década passada e eivada de conflitos e dissensos muito aquém de uma possível harmonia consensual de interesses **"**com a finalidade de produzir normas ético-jurídicas universais" (DELUIZ, 1995, p. 8) nos moldes da proposta de Habermas (1989). Algum discurso de esquerda ainda consegue articular/mobilizar uma parcela ampla da população mundial?

A união dos movimentos dos trabalhadores com a ciência do materialismo histórico, considerada por Althusser (1972) como talvez o maior acontecimento da História, é ainda tangível no momento em que vivemos? Esse problema reaparece em Pêcheux (1997, p. 203), quando este retoma Althusser para afirmar a *inovação radical* do materialismo histórico em termos epistemológicos, ou seja, para reafirmar que "a prática teórica do materialismo histórico pressupõe e implica a prática política do proletariado, com o vínculo que as une". Contudo, no anexo agregado à edição inglesa de *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1997) irá fazer ajustes nas investigações que, no final do livro, levaram à formulação de uma "pedagogia de ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra" (PÊCHEUX, 1997 p. 299), esta pedagogia o tornaria capaz de "se voltar contra as causas que o determinam" via "apropriação da política do proletariado" (ibid, p. 298). Apropriação que, pressupondo a assimilação da prática teórica marxista-leninista pelo movimento

operário, passa a ser questionada por Pêcheux no interior da própria teoria da AD. O modo como se dá a fusão entre a ciência do materialismo histórico e o movimento revolucionário, que no último capítulo de *Semântica e Discurso* foi conceituado pelo prisma de uma teoria materialista do discurso, torna-se uma questão em aberto no anexo.

Os ajustes propostos por Pêcheux, embora não rompam com Althusser, fazem uma nova leitura dos modos de resistência e revolta, enfatizando a equivocidade da linguagem e a impossibilidade de se pensar/falar por outrem. Será isto fruto do que Lyotard (1993) chama de pós-modernidade? O ceticismo em relação a qualquer discurso metanarrativo e emancipatório? Ou decorre da conjuntura atual da luta de classes na teoria – *luta filosófica* – conceito de Althusser que Pêcheux retoma no texto supracitado (PÊCHEUX, 1997)? *Questões imperdoáveis* que, talvez, tenhamos de levar aos *extremos*. Partindo do levantamento destas questões, a análise da letra da música de Tom Zé se fará oportuna. A própria construção do neologismo criado pelo compositor parece colocar, *sintomaticamente*, as questões supracitadas.

Ressaltemos que Pêcheux, já na década de 60, afirmava que o papel do materialismo histórico, para a Lingüística, não é tanto o de servir de base teórica, fornecendo métodos e classificações para a resolução dos problemas daquela, e sim o de possibilitar uma *intervenção que consistiria*, "em *abrir campos de questões,* em dar trabalho à Lingüística em seu próprio domínio e sobre seus próprios 'objetos', por meio de sua relação com outro domínio científico: a ciência das formações sociais". (PÊCHEUX, 1997, p. 90). No entanto, é esta ciência social que é abalada pelos acontecimentos dos anos 60, 70 e 80. Igualmente, é bom lembrar que Pêcheux faleceu antes de assistir ao ápice da crise do marxismo, com a queda do muro de Berlim – símbolo da desestruturação do socialismo real – e com a hegemonia do capitalismo americano e sua política neoliberal. Deixemos estas questões em aberto e passemos à descrição dos acontecimentos políticos da última década.

2 ACONTECIMENTOS POLÍTICOS

O mundo estava mudando tão rápido como uma paisagem durante um terremoto. O muro de Berlim, símbolo da divisão do mundo, caiu. Os fundamentos e tradições socialistas ruíram.

Nikita Mikhalkov – Anna dos 6 aos 18.

2.1 O fim da História: consenso ou polêmica?

A edição do verão de 1989 da revista americana especializada em política *The National Interest* (n? 16) publicou um artigo intitulado “Fim da História?” (p. 3-18), de autoria do professor Francis Fukuyama, cientista político diplomado nas universidades de Cornel e Havard. O enunciado do título, mais do que o conteúdo do texto, circulou nos meios acadêmicos e jornalísticos do mundo todo na época. Iniciava-se uma polêmica que marcaria de forma indelével a memória discursiva da política contemporânea.

O próprio Fukuyama, na esteira da oportunidade produzida pela polêmica, publicou três anos depois o livro *The End of History and the Last Man* (O Fim da História e o Último Homem). Já nas linhas iniciais, Fukuyama (1992) faz alusão aos inúmeros comentários críticos produzidos em torno da tese central do artigo. Os interlocutores, segundo ele, eram americanos, ingleses, franceses, italianos, soviéticos, brasileiros, sul-africanos, japoneses, sul-coreanos, entre outros. O autor também expôs os argumentos básicos do seu artigo:

> (...) nos últimos anos, surgiu no mundo um notável consenso sobre a legitimidade da democracia liberal como sistema de governo, à medida que ela conquistava ideologias rivais como a monarquia hereditária, o fascismo e, mais recentemente, o comunismo. Entretanto, mais do que isso, eu afirmava que a democracia liberal pode construir o 'ponto final da evolução ideológica da humanidade' e 'a forma final de governo humano', e como tal, constitui o 'fim da história'. Isto é, enquanto as formas mais antigas de governo caracterizavam-se por graves defeitos e irracionalidades, que as levaram ao colapso final, a democracia liberal estava aparentemente livre dessas contradições internas fundamentais. (FUKUYAMA,1992, p. 11)

Este trecho merece uma pequena digressão interpretativa. Retomemos Orlandi (2003, p. 154), que articulou a distinção entre o discurso autoritário e o discurso polêmico para deslindar essa paradoxal (re)afirmação do consenso em meio à polêmica. Em relação à função referencial no discurso autoritário, a referência é exclusivamente determinada pelo locutor, com a imposição da verdade deste. A reversibilidade tende a zero. Já no discurso polêmico, a verdade torna-se objeto de disputa pelos interlocutores, e a reversibilidade ocorre, ainda que sob determinadas condições. O interessante no caso acima é que, embora Fukuyama admitisse que seu artigo causasse polêmica, ao retomar o tema, o autor não questiona o conteúdo do próprio postulado do *consenso notável.* Isto é, se na ante-sala admite que muitos divergiram dele, quando entra no mérito da questão, simplesmente ignora a divergência de seus interlocutores para reafirmar o consenso (de quem? da maioria silenciosa? quem cala consente?). Sua verdade não entra na disputa, se impõe baseada na premissa do consenso – consenso este questionado não apenas pelos contra-argumentos de seus interlocutores, mas pelo próprio *ato* de divergir.

Parece-nos contraditório o autor basear sua tese do fim da História embasado na constatação de um "notável consenso sobre a legitimidade da democracia liberal" (FUKUYAMA, 1992, p. 11) e gerar uma polêmica pelo mundo todo. Como pode haver polêmica onde se pressupõe consenso?

Para além da polêmica, o enunciado categórico do *fim da História* também gerou equívocos que Fukuyama se empenha em "corrigir" em seu livro. Segundo o autor, muitos leitores do artigo ou dos comentários deste entenderam o fim da História como o fim de eventos, ou de grandes fatos de ampla repercussão.

> A princípio muitas pessoas ficaram confusas com o uso que fiz da palavra 'história'. Tomando a história no sentido convencional de ocorrência de

> eventos, citavam a queda do muro de Berlim, a rejeição do comunismo chinês na manifestação da praça Tiananmen e a invasão do Kuwait pelo Iraque como provas de que 'a história continuava' e que *ipso facto* minha teoria estava errada. (ibid, p. 12)

Em seguida, o autor esclarece de onde parte sua concepção de História: é no filósofo alemão G. W. F. Hegel que Fukuyama se baseia para articular sua teoria. De acordo com Fukuyama (1992), no pensamento hegeliano – e também marxista –, a História humana é um processo evolutivo (com estágios primitivos, tradicionais, avançados, modernos, etc.), não necessariamente linear, mas sem dúvida inteligível e com determinações para além da mera casualidade, sendo que Hegel antevia o fim da História quando da realização plena do Estado Liberal. Este, uma vez plenamente realizado, superaria as contradições ou conflitos capazes de alterar o regime político e econômico vigente. "Significa, isso sim, que não haveria mais progresso no desenvolvimento dos princípios e das instituições básicas, porque todas as questões realmente importantes estariam resolvidas" (FUKUYAMA, 1992, p. 13).

Karl Marx, afirma Fukuyama (1992), partilhava com Hegel a concepção de História como processo com um fim determinado. A diferença é que Marx antevia um outro fim para a Historia humana: o comunismo. Em relação ao marxismo, o autor lembra a derrocada do socialismo real e, embora não afirme que toda e qualquer alternativa de esquerda é inviável, prefere apostar na excelência da democracia liberal, na sua capacidade de superar suas rivais e, sobretudo, na sua tese de que esta é menos eivada de contradições internas do que o socialismo real.

É bom lembrar que Fukuyama escreve este livro três anos depois de seu artigo – artigo que saiu alguns meses antes da queda do muro de Berlim. Sintetizemos a sucessão dos acontecimentos: o Artigo de *Fukuyama* no verão do hemisfério norte, portanto, nos meses de junho, julho e agosto de 1989, seguido da *queda do muro de Berlim* (acontecimento divulgado pela mídia ao mundo inteiro) e, concomitantemente, o *Consenso de Washington* acabaram por marcar o enunciado *fim da História* de forma indelével na memória discursiva política de nosso tempo.

2.2 A queda do muro de Berlim.

Apesar de já se encontrar em crise desde a morte de Stalin, na década de 50, o desmantelamento do socialismo real se desencadeou, de forma irremediável, a partir de uma tentativa de reestruturação da economia e da política da URSS na década de 80. Tentativa que, pelo inusitado da proposta, pôs fim à sociedade planejada pós-revolução de outubro de 1917.

Em 1985, o então novo líder soviético Mikhail Segueievicht Gorbachev lançava os *slogans* da reforma radical que se efetuaria na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas sob seu comando: a *perestroika* (reforma da estrutura econômica e política) e a *glasnost* (transparência e liberdade de informação). A URSS vivia uma grave crise econômica, fruto de uma estagnação geral disfarçada pela alta do petróleo na década de 70 (HOBSBAWM, 1994). Gorbachev (1987) apontou os problemas no campo ideológico:

> Também no campo ideológico, o mecanismo paralisante criou maior resistência às tentativas de examinar construtivamente os problemas emergentes e as novas idéias. A propaganda do sucesso, real ou imaginário, estava ganhando terreno. Os elogios e o servilismo foram encorajados; as necessidades e opiniões dos trabalhadores comuns, geralmente ignoradas. Nas ciências sociais, a teoria escolástica foi estimulada e desenvolvida; o pensamento criativo, expulso, declarando-se juízos voluntaristas e supérfluos como verdades incontestáveis. As discussões científicas e teóricas, indispensáveis ao desenvolvimento e ao esforço criativo, foram emasculadas. (GORBACHEV, 1987, p. 20)

Com a *glasnost* e a *perestroika* descerrava-se a *cortina de ferro*[1] nos países do leste europeu. Mais que isto, Gorbachev tinha como objetivo pôr fim à *guerra fria* (termo cunhado pelo governo soviético em 1947 para definir *a guerra ideológica*

---

[1] Expressão criada, segundo uma versão, em 1946 pelo primeiro ministro britânico Winston Churchil. Segundo outra versão, a expressão foi cunhada por Goebbels, ministro da propaganda de Hitler na Alemanha Nazista, em um discurso radiofônico, ao descrever o resultado do choque entre os Aliados e a URSS.

entre o ocidente e o leste). Conseguiu, mas também acabou levando ao colapso o *socialismo real soviético*, pois, de acordo com Hobsbawm,

> a estrutura do sistema soviético e seu *modus operandi* eram essencialmente militares. Democratizar exércitos não melhora a sua eficiência. Por outro lado, se não se quer um sistema militar, deve-se cuidar para que haja uma alternativa civil antes de destruí-lo, pois senão a reforma produz não reconstrução, mas colapso. A URSS sob Gorbachev caiu nesse fosso em expansão entre *glasnost* e *perstroika*. (HOBSBAWM, 1994, p. 466)

Os acontecimentos políticos se sucederam à revelia dos objetivos de Gorbachev. A História sem sujeito (ou sujeito enquanto massa) do marxismo-leninismo de Althusser (1980) concretizou-se neste momento histórico, mas em contradição com as expectativas dos marxistas soviéticos.

> E, no entanto, tivemos a estranha sensação de alívio, até mesmo de fagulha de esperança, quando Mikhail Gorbachev chegou ao poder em 1985. (...) Curiosamente, nossa admiração não diminuíra significativamente com a tragédia de seu dramático fracasso dentro da União Soviética, que foi quase total. Mais do que qualquer outro indivíduo, foi ele o responsável por sua destruição. (...) Foi ele quem, realmente, derrubou o Muro de Berlim. (HOBSBAWM, 2002, p. 309)

Em nossa perspectiva, parece-nos que Gorbachev não foi o protagonista do evento, como quer Hobsbawm, mas uma "marionete", *sujeito suporte* de acontecimentos muito mais determinantes que ele (acontecimentos que remontam à crise pós-stalinista). Contudo o importante é que o *socialismo real* desestruturou-se e as linhas concretas, simbólicas e imaginárias que demarcavam o limite entre o Primeiro Mundo e o Segundo apagaram-se rapidamente. Este é o caso do *muro de Berlim* (1961-1989). No período de 1989 a 1991, a União Soviética entrou em um derradeiro colapso político, fragmentou-se em inúmeros estados independentes, o que determinou o fim de sua autoridade como segunda maior potência da época.

> Entre agosto de 1989 e o fim daquele ano, o poder comunista abdicou ou deixou de existir na Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e República Democrática Alemã – sem que sequer um tiro fosse disparado, a não ser na Romênia. Pouco depois, os dois Estados balcânicos que não eram satélites soviéticos, Iugoslávia e Albânia, também deixaram de ser regimes comunistas. A República Democrática Alemã logo seria anexada à Alemanha Ocidental e a Iugoslávia logo se desfaria em guerra civil. O processo foi visto não só nas telas de televisão do mundo ocidental como também, com muita atenção, pelos regimes comunistas em outros continentes. (Id, 1995, p. 471)

Os eventos mencionados acima por Hobsbawm foram simbolizados pela queda do muro de Berlim, executada por parcelas das populações de ambas as Alemanhas no dia em que o governo da Alemanha Oriental liberou as viagens para o exterior. Era 9 de novembro de 1989.

De acordo com Hobsbawm (2004), os observadores políticos gostavam de dividir o mundo, em plena Guerra Fria, entre: Primeiro Mundo (capitalismo ocidental), Segundo Mundo (Países Comunistas) e Terceiro Mundo (países pobres da Ásia, África e América Latina). Mas, depois do colapso soviético e do fim do *socialismo real*, os limites e distinções tornaram-se anacrônicos: o muro se tornara sem sentido. Desde então o mundo, imaginariamente, seria um só: mundo globalizado; o capitalismo não encontraria mais limites humanos para além da finitude sem borda do globo terrestre. A nova divisão seria, então, entre os Países Ricos ou Desenvolvidos (na maior parte das vezes, do Hemisfério Norte) e os Países Subdesenvolvidos ou Pobres (salvo exceções, do Hemisfério Sul). A nova linha que demarcaria os respectivos lugares hierárquicos de ambos é a linha do Equador. Linha assimétrica por excelência, um limite difícil de transpor em termos de ação (comercial, cultural e bélica) apenas para um dos lados.

Na última década, ainda de acordo com Hobsbawm (2002), a URSS já não era vista como um bom modelo de sociedade pela esquerda do mundo ocidental. Para os comunistas ocidentais, a União Soviética tinha apenas um valor positivo na geopolítica mundial ao conter a expansão do capitalismo. Tudo isto acabou com a dissolução do bloco soviético.

2.3 O Consenso de Washington

No mesmo mês de novembro de 1989, de acordo com Negrão (1998), o *Institute for International Economics* – entidade de caráter privado – promoveu um encontro em Washington, Estados Unidos da América. Estavam presentes economistas liberais latino-americanos, funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). *Latin America Adjustment: How Much has Happened?* era o

tema do encontro, que visava fazer uma análise das reformas econômicas em processo na América Latina.

No final do evento, John Williamson, economista inglês e diretor do instituto que promoveu o encontro, divulgou a expressão *Consenso de Washington*, em referência às conclusões tiradas das discussões. Tratava-se de um receituário a ser "proposto" a todos os países em desenvolvimento pelas agências internacionais, caso aqueles precisassem de empréstimos.

Ainda de acordo com Negrão (1998), as medidas a serem tomadas incluem: controle do déficit público por meio de disciplina fiscal, redução do orçamento a poucos setores, ou seja, desmantelamento do estado de bem-estar social keynesiano; fim de monopólios estatais, incentivo ao comércio exterior; supressão das restrições ao investimento estrangeiro, desregulamentação das leis trabalhistas, privatizações, entre outros. Estas medidas tinham como objetivo minimizar as funções estatais e ampliar a liberdade de mercado.

O *Consenso de Washington* pode ser entendido como um episódio importante para se entender o curso que tomaram as políticas econômicas nos países de Primeiro e de Terceiro Mundo frente à nova geopolítica que surgira com o desmantelamento da URSS e as novas formas de relação entre Estado e mercado no capitalismo do final do século XX.

Retomemos. Primeiro: o polêmico artigo de Fukuyama sobre o *fim da História* e o consenso em torno da legitimidade das democracias liberais. Segundo: *A queda do muro de Berlim* – evento midiático, símbolo do desmantelamento do *socialismo real* e da antiga distinção dos 3 Mundos. Terceiro: o *Consenso de Washington* – discurso/receita neoliberal proposto/imposto aos países pobres pelas agências internacionais. Estes três eventos eram sintomas da aceleração da globalização e do avanço do imperialismo americano, agora sem adversários à altura. Este era o único mundo real e possível no início da década de noventa.

2.4 O pensamento único neoliberal

As expressões “pensamento único” e “discurso neoliberal” se mesclam, com freqüência, na mídia da contemporaneidade. Mas de onde vem esta associação? De acordo com Ramonet (1997), a expressão “pensamento único” não é tão nova assim.

> Tradução em termos ideológicos com pretensão universal das vantagens de um conjunto de forças econômicas, estas, em particular, do capital internacional. Ela foi formulada e definida desde 1944, por ocasião dos acordos de Brentton-Woods. Seus arautos principais são as grandes instituições econômicas e monetárias. (RAMONET, 1997, p. 23)

Segundo Ramonet (1997), o pensamento único ganhou força com a queda do muro de Berlim, a desestruturação dos regimes comunistas e desmoralização do discurso socialista. Seu discurso circula, de acordo com o autor, em conhecidos jornais e entidades como *The Wall Street Journal*, *Financial Times*, *The Economist*, *Far Eastern Economic Review*, os *Echos*, *Agência Reuter*, cujos proprietários são grandes grupos industriais e financeiros. Para além destes, faculdades de ciências econômicas, políticos, entre outros, repetem seus princípios.

E quais são estes princípios? O primeiro, segundo Ramonet (1997, p. 23), é: “o econômico prevalece sobre o político”, sendo que um representante do banco da França, M. Jean-Claude Trichet, chegou a dizer que o seu banco está ao abrigo de credos políticos e que, portanto, é uma instituição *apolítica*, *independente* e *imparcial*.

Os outros princípios do pensamento único, ainda de acordo com Ramonet (1997), são: a auto-regulação do mercado – em especial a do mercado financeiro –, a concorrência e a competitividade, o livre comércio sem barreiras, a mundialização da produção manufatureira e dos fluxos financeiros, a divisão internacional do trabalho, a moeda forte, a desregulamentação, a privatização, a liberalização e o estado mínimo.

> A repetição constante, em todas as mídias, deste catecismo por quase todos os homens políticos, tanto de direita quanto de esquerda (É conhecida a célebre resposta de M. Dominique Strauss-Kahn, ministro socialista da indústria: ‘o que vai mudar se a direita ganhar? ’, ele

> respondeu: 'Nada, sua política econômica não será diferente da nossa'. *The Wall Street Journal Europe*, 18 de março de 1993), lhe confere uma tal força de intimidação que abafa qualquer tentativa de reflexão livre, e dificulta a resistência contra esse novo obscurantismo. (RAMONET, 1997, p. 24)

Fazendo uma análise – de cunho marxista – dos efeitos da implantação da política neoliberal no Brasil, Boito Jr. comenta:

> Assim como essa política econômica e social expressa interesses de classe e de frações de classe numa dada correlação política de forças, do mesmo modo, tal política interfere, numa ação de retorno, sobre a composição, o poder e os interesses das classes sociais em presença, bem como sobre as alianças, frentes e apoios com os quais cada classe e fração pode contar na luta por seus interesses. As mudanças nas relações de classe e de poder decorrem, antes de mais nada, dos processos econômicos e sociais induzidos pela política neoliberal. (BOITO JR, 2004, p. 2)

Novas correlações de forças políticas se dão na atualidade, e essas mudanças decorrem de uma alteração nos processos econômicos e sociais. Contudo, ressaltemos, de acordo com Boito Jr. (2004, p. 2), que "as mudanças nas relações de classe e de poder decorrem, também, de aspectos políticos e ideológicos associados ao neoliberalismo". O pensamento único do discurso neoliberal pode então ser entendido como decorrente de uma alteração nas relações de forças entre – de forma mais ampla – a direita e a esquerda. Ele pretende se colocar acima dessa divisão política tradicional. Propõe-se pragmático e realista. E se baseia nos acontecimentos recentes:

> No terreno da luta ideológica, o fim da URSS também golpeou fundo a luta dos trabalhadores. (...) Difundiu-se a crença, tão explorada e tão superficialmente "explicada" pelos pensadores pós-modernos, segundo a qual vivemos um presente sem futuro. Consolidou-se o conformismo e o fatalismo. Idéias como aquelas que falam em "fim das utopias" e em "fim da história" não são idéias que povoam apenas o debate acadêmico. Na verdade, esse debate reflete um sentimento difuso de que não há alternativa viável ao capitalismo neoliberal. (Ibid, p. 29-30)

O discurso neoliberal, como dito acima, se coloca como um discurso universalizante, como uma meta-narrativa nos termos de Lyotard (1993)? Seria o espírito de nosso tempo? Segundo Boito Jr., parece que não:

> Estamos assistindo ao ressurgimento de antigos movimentos populares e ao aparecimento de novas lutas sociais. Em diversas partes do mundo está ocorrendo uma certa recuperação do movimento sindical, em diversos

> países da América Latina há uma reativação, ainda que muito desigual, do movimento camponês, em várias partes do mundo, tem se desenvolvido o heterogêneo mas ativo "movimento antiglobalização" e começam a surgir, inclusive no centro do sistema, grandes manifestações populares contra o novo ciclo de guerras iniciado em 1991 pelo imperialismo norte-americano. (BOITO JR, 2004, p. 29-30)

A década de 1990 não havia acabado ainda e novos atores políticos começavam a surgir no vazio criado pelo do fim do socialismo real: movimentos sindicais, camponeses, e o *heterogêneo* movimento antiglobalização, conforme Boito Jr.

2.5 Movimentos antiglobalização

Segundo Arturi (2004), o movimento antiglobalização surgiu como conseqüência do fim da guerra fria e da concretização da política neoliberal do Estado mínimo. Os movimentos de contestação a esta política surgiram graças às condições propiciadas pela própria globalização, ou seja, devido ao aparecimento de novos atores transnacionais, instituições e redes que operam e se estendem além do domínio de um determinado Estado. Ainda de acordo com Arturi (2004), o movimento antiglobalização é heterogêneo, com participação de anarquistas, revolucionários, reformistas, soberanistas, internacionalistas, entre outros. Segundo o autor, a heterogeneidade destes atores não impede que se constitua um consenso provisório e se mobilize uma ação em massa, como manifestações e campanhas de protesto. A divergência sobre as alternativas e interesses almejados é superada, momentaneamente, pela necessidade de articulação dos objetivos mais imediatos num plano que é mundial. Um exemplo de organização que visa a se articular mundialmente é a Ação Global dos Povos.

A Ação Global dos Povos (AGP), uma organizaçao em rede, com objetivos de articular os inúmeros movimentos dispersos pelo mundo, surgiu em 1998. Sua plataforma virtual, que existe basicamente na rede mundial de computadores, tem como função mobilizar, coordenar e potencializar a comunicação entre os atores políticos e sociais.

A ação direta proposta pela rede da AGP (2004) é caracterizada como uma resistência física e irredutível em relação aos seus adversários políticos. Não se propõe a dialogar ou mesmo reivindicar pacificamente mudanças junto às autoridades políticas e econômicas. A filosofia descentralizada e autônoma é uma das características dos movimentos ligados à rede da AGP, característica que está mais próxima da tradição libertária do que dos movimentos centralistas e vanguardistas de tradição marxista. (BAKUNIN, 2002).

Em 1999, em Seattle, nos Estados Unidos, entre os dias 30 de novembro e 4 de dezembro, no que era para ser a terceira conferência da OMC (divulgada como a *Rodada do Milênio*) se deu “uma das maiores manifestações antiglobalização do planeta" e "teve participação de militantes do mundo inteiro (...)” (CATTANI, 2001, p. 38). Foi durante esta manifestação que surgiu outra organização associada aos “novos movimentos”: O Centro Mídia Independente (CMI), cuja função básica é a comunicação midiática alternativa via rede mundial de computadores. O CMI, posteriormente, formou uma rede descentralizada e espalhou-se por todos os continentes.

Durante o ano de 2000, ocorreram manifestações em Londres (1º de maio); em Bolonha, Itália (14 de junho), durante o encontro da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico); em Praga, República Tcheca, com cerca de 15 mil pessoas (representando movimentos sociais do mundo todo), durante o encontro do FMI e do Banco Mundial; e em Nice, França durante a reunião da Cúpula da União Européia (CATTANI, 2001). Em janeiro de 2001, a polícia suíça cerca Davos com arame farpado para evitar manifestações e protestos durante o 31º Fórum Econômico Mundial.

O Fórum Econômico Mundial é uma fundação internacional e independente (WEF, 2004) que reúne anualmente os líderes políticos e econômicos mundiais para debater questões econômicas, com objetivos, segundo seu próprio discurso (WEF, 2004), de "melhorar" as condições sócio-econômicas do mundo todo. Ou seja, ainda segundo este discurso, o Fórum não tem fins lucrativos ou particulares e pretende-se politicamente "imparcial".

Concomitante ao evento do Fórum Econômico Mundial, ativistas ligados aos movimentos antiglobalização organizaram um evento paralelo com uma sede própria para seu encontro: O Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, Brasil.

2.6 Fórum Social Mundial

Segundo o jornalista Bernard Cassen (2001), a idéia de organizar um Fórum *Social* Mundial em Porto Alegre surgiu durante uma discussão com um político, Francisco Whitaker, e um empresário, Oded Grajew, em seu escritório no *Le Monde Diplomatique*, em Paris. Bernard Cassen, na época, era diretor-geral do *Le Monde Diplomatique* e presidente da ATTAC (Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos), uma das entidades promotoras do FSM. Segundo o próprio Cassen (2001), a ATTAC teve um papel importante no combate à globalização liberal desde sua criação em 1998.

Em 1999, a ATTAC, segundo Cassen (2001), teria organizado oitenta manifestações em toda a França durante a reunião da OMC (que ocorreu em Seattle, Estados Unidos). Este seria o motivo que levou Whitaker e Grajew a procurarem Cassen para organizar um Anti-Davos.

Frente à difícil topografia de Davos, somada à ação da polícia e do exército suíço, era muito complicado organizar um fórum alternativo naquele local, segundo Cassen (2001). Então, diferentemente dos outros movimentos antiglobalização itinerantes (que acompanham as reuniões do FMI, OMC e Banco Mundial), o FSM teria uma sede própria.

Dia 25 de janeiro de 2001, em Porto Alegre, sul do Brasil, iniciava-se o primeiro FSM.

> (...) exatamente na mesma data que o de Davos, o FSM, em menos de 48 horas se colocou mediaticamente no mesmo nível que WEF, onde os grandes chefes das finanças e da indústria há trinta anos se encontravam para decidir, de acordo com suas conveniências, o futuro do mundo. (...) Do outro lado, se encontravam precisamente estas sociedades, representadas pelos sindicatos, associações, ONGs e políticos eleitos pelo voto universal, reunidos para dizer que um outro mundo, diferente daquele imposto pelo

> neoliberalismo ambiente, é possível. A simples existência do FSM retira toda legitimidade de Davos. (CASSEN, 2001, p. 17)

Começa a se delinear a relação de oposição entre a globalização liberal e *o outro mundo possível*. Tudo isto dentro da concepção de *UM MUNDO SÓ* apenas dividido entre hemisfério sul – onde se encontra a maior parte dos países pobres e subdesenvolvidos – e hemisfério norte – onde estão os países mais ricos. Há um Primeiro Mundo e um Terceiro Mundo, o Segundo desapareceu. A fronteira que este antes demarcava impondo limites à globalização do capital também desapareceu. Frente a esta *realidade*, os movimentos sociais do mundo todo começam a se organizar e a articular uma alternativa ao capitalismo neoliberal, é preciso criar novas táticas e estabelecer novas estratégias.

A construção de novas estratégias exige, no entanto, que se estabeleçam princípios mínimos que levem em conta a heterogeneidade dos novos movimentos sociais. Etimologicamente, *fórum* é uma palavra latina que, na antigüidade romana, designava a Praça de Mercado – a *ágora* dos romanos. Era neste local que ocorriam as reuniões públicas e aconteciam os julgamentos. Contemporaneamente, é o local onde se dão os debates judiciais e se discutem os negócios públicos. Segundo sua carta de princípios (FSM, 2004), o FSM é um espaço aberto para o debate e o encontro, propõe-se plural e visa articular a *diversidade*. Não tem fins governamentais e não se atrela a partidos políticos (o que não impede que indivíduos ligados a estas entidades participem dos eventos e discussões).

Como não pretende se constituir como instância de poder, o FSM não tem caráter deliberativo, nenhum participante do FSM deve, segundo a carta de princípios, ser interpelado a tomar decisões por voto ou aclamação. E ninguém está autorizado a se exprimir em nome do Fórum, ainda que as entidades participantes possam deliberar livremente sobre suas ações e declarações, as quais o FSM se dispõe a difundir amplamente.

Há um ponto de convergência entre as entidades participantes do FSM, já mencionado, mas que é importante retomar, pois se encontra na Carta de Princípios (FSM, 2004): a franca oposição ao neoliberalismo, à hegemonia da lógica do capital e ao imperialismo (sobretudo americano). No mesmo espírito dos outros movimentos

antiglobalização, o FSM se opõe à globalização capitaneada pelas corporações multinacionais e aos atores políticos a elas ligados – governos e instituições internacionais.

A adesão ao FSM se dá por iniciativa dos participantes, não são feitos convites, sendo que o interesse maior é de que as participações tenham um caráter ativo – seja em forma de oficinas, encontros, seminários, fóruns, entre outros. As exceções são as conferências articuladas pelo Comitê Organizador e pelo Conselho Internacional e as personalidades mundialmente conhecidas que levam seu testemunho. A Carta frisa que toda e qualquer entidade que tiver convergência com os princípios do FSM tem o direito de participar do Fórum.

Terminamos nosso breve relato histórico. Alguns eventos descritos neste capítulo serão retomados, na sua materialidade discursiva, no quarto capítulo; os demais permitirão um melhor entendimento da conjuntura atual e das condições de produção em que o FSM surgiu. Antes de efetuarmos a análise é preciso, porém, retomar o arcabouço teórico da AD para a constituição do dispositivo de análise.

3 MOBILIZANDO CONCEITOS DA BASE TEÓRICA DA AD

Certamente a existência material da ideologia em um aparelho e suas práticas não é a mesma da de um paralelepípedo ou de um fuzil.

Althusser

A individualização do dispositivo teórico efetuada pelo analista se dá a partir das questões levantadas por este e da especificidade do *corpus* a ser analisado (ORLANDI, 2002), pois, conforme a questão/temática, dado conceito tem mais ou menos pertinência para a análise. O enfoque teórico pode ser entendido como uma seleção de conceitos considerados como um *estojo de instrumentos* mais propícios à descrição e interpretação de um determinado recorte discursivo.

Deleuze (1988) tinha uma concepção (particular) do modo como deveria ser um livro de filosofia que está muito próxima do conceito de dispositivo de análise da AD. Deleuze acreditava que um livro de filosofia deveria ser:

> por um lado, um tipo muito particular de romance policial e por outro, como uma espécie de ficção científica. Por romance policial, queremos dizer que os conceitos devem intervir, como uma zona de presença, para resolver uma situação local. Modificam-se com os problemas. Têm esferas de influência em que, como veremos, se exercem em relação a “dramas” e por meio de uma certa “crueldade”. Devem ter uma coerência entre si, mas tal coerência não deve vir deles. Devem receber a coerência de outro lugar. (DELEUZE, 1988, p. 17).

Este outro lugar, na perspectiva da AD, nos remete aos *acontecimentos* que engendraram novas condições de produção na constituição das *formações discursivas*, que, por sua vez, são a matriz (às vezes sujeita a falhas) de *enunciados* ou de *formulações*, sendo estes últimos a base do *corpus* de nossa análise. Estes acontecimentos, ao se inscreverem na *memória discursiva* política/midiática de nossa época, alteram as relações de forças entre as formações discursivas em jogo nos movimentos e eventos de esquerda, como o FSM, além de atravessá-las com um discurso *outro*, dando o tom de sua *heterogeneidade* constitutiva. "O acontecimento como ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória" (PÊCHEUX, 2002, p. 17) e que se realiza discursivamente entre o *interdiscurso* e o *intradiscurso*, pede uma nova *interpretação*, pois os acontecimentos trazem novas questões e re-atualizam problemáticas. Em nosso caso, essa interpretação é intermediada pela teoria, pelo nosso dispositivo de análise, análise que se efetua sobre nosso objeto por excelência: o discurso.

O discurso, na concepção da AD, é de ordem material. Pêcheux (1997) desenvolveu uma teoria materialista do discurso: este seria dotado de uma materialidade específica, diversa de outras formas de matéria como a de um fuzil, de um paralelepípedo, do trabalho de um operário, etc., mas mesmo assim de ordem material. Acreditamos que esta concepção material (não meramente física e mecânica) do discurso é o maior legado do materialismo histórico para a AD.

No decorrer de nosso trabalho, a problemática de conceitos oriundos do marxismo será levantada pelas questões próprias à nossa temática. Optamos, portanto, por retomar a base de ligação entre a teoria do discurso da AD e o materialismo histórico.

Pêcheux (1997), ao desenvolver a sua teoria do discurso, vai embasar-se na teoria de Althusser sobre variadas modalidades de matéria e sobre a materialidade específica das formações ideológicas. Seguindo este caminho, Pêcheux irá propor que também a língua é de ordem material, e não meramente formal, e que o discurso se materializa na imbricação entre história/ideologia e língua. Para melhor entendimento desta questão remontemos a Althusser.

3.1 A Ideologia tem uma existência material

A releitura de Marx efetuada por Althusser (1980) perpassa a questão da natureza da Ideologia. Seria esta uma superestrutura totalmente determinada pela infra-estrutura de cunho econômico? A proposta de Althusser é uma contraposição a esta tese. Segundo o autor, a Ideologia tem uma materialidade própria que lhe confere uma *autonomia relativa* em relação à base econômica. Essa materialidade é teorizada pelo filósofo francês em relação a aparelhos: os aparelhos ideológicos de Estado. É a partir dessas conceitualizações que Althusser retoma a idéia de que há variadas formas de a matéria se expressar,

> (...) considerando um sujeito (tal indivíduo), que a existência das idéias de sua crença é material, pois suas idéias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as idéias do dito sujeito. (ALTHUSSER, 1980, p. 85)

A inversão do idealismo em materialismo efetuada pelo marxismo é levada adiante por Althusser até o cerne do idealismo: a Ideologia. Ademais, o filósofo faz isto sem reduzir o campo ideológico a um reflexo da base material de uma determinada sociedade, elencando variadas formas de materialidade Althusser prossegue:

> (...) a materialidade de um deslocamento para a missa, de uma genuflexão, de um sinal de cruz ou de um mea-culpa, de uma frase, de uma oração, de uma constrição, de uma penitência, de um olhar, de um aperto de mão, de um discurso verbal interno ou de um discurso verbal externo não são (a) mesma e única materialidade. (Ibid, p. 86)

Há, portanto, inúmeras formas de materialidade para o autor. É preciso ter em conta que Althusser retoma Aristóteles para conceitualizar suas variadas formas de expressão da matéria:

> Porém, sem que nos tomem por neo-aristotélicos (lembremos que Marx tinha uma alta estima por Aristóteles), diremos que 'a materialidade se expressa de inúmeras maneiras', ou melhor, que ela existe de diferentes formas, todas enraizadas em última instância na matéria "física". (Ibid, p. 83)

É que, em Aristóteles (2002), a matéria só pode se manifestar através da *forma*. A matéria, por si só, é amorfa, indeterminada e, portanto, incognoscível em si mesma. Considerando-se que, ainda de acordo com Aristóteles, nosso conhecimento se dá por meio de formas ou determinações, só podemos alcançar o conhecimento da matéria de maneira indireta, pela *forma* que a distingue e em função da qual é descrita.

Em relação à forma, a matéria é *subtratum*, é potência, enquanto aquela é puro ato. Sendo a matéria mero possível, ela não existe em estado puro. Só ganha existência na síntese (*sínolo*) com a forma/atualização – em suma: forma *determinadora* e matéria *determinada*, as duas se apresentam sempre juntas, segundo Aristóteles (2002), não há matéria sem forma e também não há forma totalmente destituída de matéria.

Ainda de acordo com Aristóteles (2002), existem diversas espécies de formas, dividindo-se basicamente em ordem substancial e ordem acidental. Na primeira, configura-se a forma substancial (exemplo: a forma substancial do corpo). Na segunda, dá se a forma acidental, que consiste em categorias como quantidade, qualidade, deslocamento, etc.

Na perspectiva do materialismo histórico, Althusser amplia mais o leque de modalidades de expressão da matéria. Se Marx (1998) a aplicou na atividade humana de transformação das condições materiais de existência (leia-se meio natural), Althusser a aplica em diversas outras atividades humanas que antes eram consideradas imateriais. Althusser chama nossa atenção para a especificidade de cada uma dessas materialidades, todas, no entanto, dotadas de uma autonomia relativa em relação à base econômica. *Materialidade própria* e *autonomia relativa* são dois termos essenciais para entender como Pêcheux trabalhou o materialismo histórico no terreno da língua e do discurso.

3.2 A materialidade lingüística

Qual é a materialidade própria da língua? Seria sua materialidade fonológica? É claro que Pêcheux leva em consideração a materialidade dos sons, mas esta não é a única forma de materialidade a que ele se refere. A materialidade de um texto encontra-se não só na tinta e no papel que lhe servem de suporte, mas nas regras sintáticas e na correlação que há entre seus elementos.

Esta correlação, no entanto, está no limite com o que Pêcheux entende por discursividade: "incide sobre a articulação entre enunciados, isto é, incide, na verdade, sobre a passagem à discursividade, ao engendramento do 'texto'" (1997, p. 123). Contudo, isto por si só não constitui o discurso. Para tanto se faz necessário introduzir a dimensão histórica. É da relação com sua exterioridade constitutiva, de sua imbricação com outras formas de materialidade que se trata aqui. A materialidade se expressa nas suas mais diversas formas, dotadas de uma autonomia relativa a uma *exterioridade* (esta relação, por sua vez, é contraditória e hierarquizada).

Voltemos à problemática da língua. Sendo a abordagem de Pêcheux acerca da língua de cunho estruturalista, cabe perguntar: Saussure (1995) entendia a língua como um sistema (ou estrutura) cujas regras lhe eram imanentes e de ordem formal (isto é: língua entendida como forma e não substância). Como Pêcheux resolve esta questão forma/materialidade lingüística?

Pêcheux não nega o corte operado por Saussure significante/significado. Ora, o que ocorre é que, para Pêcheux, o corte permite delinear a modalidade específica de expressão material da língua: a ordem significante. O "formalismo abstrato" de Saussure é lido por Pêcheux como mais uma forma específica de expressão da matéria. Decorre disso sua autonomia relativa, também decorre disso sua exterioridade a qualquer sujeito "psicológico". A materialidade das regras da língua é correlata à sua não transparência, pondo em questão a correspondência entre pensamento (seja de um sujeito individual, seja de um sujeito universal) e mundo.

Autonomia relativa, porque, embora não seja uma superestrutura, a língua não é imune nem neutra em relação à Ideologia (seu exterior).

> Em particular, o que chamamos a autonomia relativa da base *lingüística* não poderia, sob o pretexto de que está na base, imprimir *sua forma* aos processos discursivos que se desenvolvem sobre essa base. (...) porque os efeitos de exterioridade, de anterioridade e de independência que representam, no próprio interior do pensamento, o primado do real sobre o pensamento, *não estão ligados, de modo algum, a puras propriedades lingüísticas, mas dependem de um "exterior" bem diferente, que é o conjunto dos efeitos, na 'esfera da ideologia', da luta de classes sob suas diversas formas: econômicas políticas e ideológicas.* (PÊCHEUX, 1997, p. 259)

Constata-se que Pêcheux trabalha a língua sempre com vistas à problemática do discurso. A materialidade discursiva, eis o seu objeto por excelência.

3.3 A materialidade discursiva

Já mencionamos que é introduzindo-se a dimensão histórica que a materialidade discursiva pode ser caracterizada. A História referida aqui é a história da luta de classes[2], mas que se manifesta no discurso através de uma materialidade própria: a do interdiscurso (enquanto complexo de formações discursivas historicamente constituídas), que por sua vez está intricado no complexo das formações ideológicas e não é apenas reflexo das condições de produção de ordem econômica.

> Não se fica quite com o materialismo histórico pela simples referência às *condições de produção* sócio-históricas do discurso, é preciso, ainda, poder explicitar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob a dominação do conjunto das formações ideológicas, tal como a luta de classes determina. (Ibid, p. 254)

---

[2] A partir de Gregolin (2004), podemos afirmar que é na remissão à luta de classes que os conceitos de Ideologia e de Formação Ideológica – na sua imbricação com as Formações Discursivas – geram as controvérsias em torno da aproximação ou não da AD com o pensamento de Michel Foucault e sua perspectiva microfísica. No quinto capítulo, retomaremos esta questão.

Pêcheux articula a materialidade da base econômica da luta de classes com a modalidade específica das formações ideológicas (oriundas dos aparelhos ideológicos de Estado, de Althusser) e com a modalidade específica de materialidade das formações discursivas (e suas regras materiais próprias, mas articuladas com determinadas posições ideológicas). Ressaltemos, no entanto, que a base econômica é que tem primazia sobre as demais formas de materialidade. Há uma hierarquia/verticalidade entre estas modalidades.

De outro lado, Pêcheux considera que a restrição ao campo sócio-histórico como base para explicar as condições de produção discursiva é reducionista. É em concordância com a teoria da autonomia relativa de materialidades específicas, de Althusser, que Pêcheux vai começar a articular sua teoria que imbrica formações ideológicas com formações discursivas. Se a autonomia das formações ideológicas e discursivas é relativa, como se dá a relação com as outras expressões de materialidade?

Pêcheux (1997) afirma que as condições ideológicas de reprodução transformação das chamadas relações de produção são constituídas contraditoriamente. Conforme o momento histórico e a formação social, as condições se constituem de forma diferenciada "*pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado* que essa formação social comporta" (PÊCHEUX, 1997, p. 145).

3.4 As formações ideológicas e as formações discursivas

Segundo Courtine (1981), as formações ideológicas (FI) se exercem pelo assujeitamento do indivíduo em sujeito ideológico – o indivíduo interpelado em sujeito pela Ideologia –, teoria formulada por Althusser e rearticulada por Pêcheux na sua teoria do discurso.

As formações ideológicas se constituem a partir dos aparelhos ideológicos de Estado (COURTINE, 1981). Para cada aparelho ideológico de Estado, há pelo

menos uma formação ideológica. As formações ideológicas são os elementos particulares, concretos da Ideologia.

Há imbricação das formações ideológicas com as formações discursivas (FDs), sendo que, de acordo com Courtine (1981), se as ideologias têm uma "existência material", então o discurso – ou as formações discursivas – é uma de suas modalidades, se não a mais importante dentre estas.

Courtine (1981) vai mais longe ao descrever as relações entre as formações discursivas e as formações ideológicas. Cada formação ideológica é "regional" ou "específica" a uma dada esfera – um aparelho ideológico de Estado – e tem uma posição de classe. Courtine considera as formações discursivas como componentes interligados às formações ideológicas. Uma formação ideológica pode conter mais de uma formação discursiva. Isso implica, segundo o autor, que se pode distinguir uma formação discursiva de outra, mesmo que se constituam a partir de uma só formação ideológica. As regularidades (que ditam o que pode e deve ser dito) próprias a cada formação discursiva dependem das relações antagônicas ou de alianças entre as formações ideológicas. São relações contraditórias inscritas inclusive na própria materialidade das formações discursivas. Contudo, uma formação discursiva, segundo Courtine, não pode ser isolada "das relações de desigualdade, de contradição ou de subordinação que assinalam sua dependência com respeito ao todo complexo com dominante". Temos então, com o conjunto das formações discursivas, um todo complexo com dominante também chamado de interdiscurso (COURTINE, 1981).

> A noção que trabalha a exterioridade discursiva (ou exterioridade constitutiva) é a de interdiscurso. O que define o interdiscurso é a sua objetividade material contraditória, objetividade material essa que, como diz M. Pêcheux (1998), reside no fato de que algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (ORLANDI, 2004, p. 39)

Segundo Orlandi (1990), o interdiscurso ou a memória do sentido[3] é o que "solda" a relação entre FDs. E o modo como se dá a relação das FDs com a exterioridade constitutiva é, também, determinado pelo interdiscurso. Aqui se dá, aliás, a dimensão *histórica* do discurso. No interdiscurso, sob a relação de forças do complexo das formações ideológicas, inscrevem-se os já-ditos e pré-construídos[4].

A expressão de materialidade específica das formações discursivas é o sentido. Diante de um enunciado – regido pelos determinantes de uma dada FD –, o sujeito é instado a *interpretar*, a atribuir sentido em conformidade com a posição em que ele se coloca, ou melhor, da posição que ele ocupa (assujeitado que é pela FD em que está inscrito).

Se o sentido é produzido pelos determinantes das formações discursivas, então, não há um sentido primeiro no espírito ou referente unívoco no mundo ou na história (fatos). O sentido enquanto produzido coloca a questão da não transparência da linguagem[5], o que, segundo Orlandi (1990), desloca algumas concepções das ciências sociais ou mesmo do marxismo – como aquela que vê a linguagem como instrumento (transparente) de comunicação e interação entre os homens. "A AD mostra que o sujeito e a significação não são transparentes e aponta para uma relação problemática das ciências sociais com o político, na medida em que estas supõem essa transparência da linguagem". (ORLANDI, 1990, p. 26)

O sentido, decorrente da espessura da linguagem, tem uma autonomia relativa frente a outras formas de materialidade. Relativa, e não absoluta, porque sua materialidade se imbrica com a exterioridade de modo *contraditório*, *desigual* e

---

[3] De outro lado, ou no outro eixo, nós temos o intradiscurso, que é onde se dá a formulação, onde o discurso se efetiva em uma seqüência linearizada. A formulação remete "à produção efetiva, circunstanciada e relativa a um contexto específico de uma seqüência discursiva concreta" (ORLANDI, 1990, p. 39).

[4] Segundo Pêcheux, P. Henry propôs "o termo 'pré-construído' para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é 'construído' pelo enunciado" (PÊCHEUX, 1997, p. 99).

[5] A não transparência da linguagem, seu caráter equívoco terá, progressivamente, na teoria da AD, uma função próxima àquela da Ideologia em Althusser. No entanto, se a Ideologia remetia à luta de classes, a equivocidade da linguagem, o real da língua, remete, numa vertente mais próxima da psicanálise, à interpelação do indivíduo em sujeito pela Ideologia, mas interpelação sujeita a falhas e a resistências inconscientes.

subordinando-se ao elemento *dominante* – em última instância, a base econômica. Contudo, tratando-se de uma expressão material, a produção de sentido no âmbito discursivo tem efeito sobre as outras expressões de materialidade. Há um efeito de retorno sobre a base. Seu lugar não é de mero reflexo da luta de classes de base econômica, é, pelo contrário, matéria de disputa: Quem pode falar ou silenciar; interpretar e valorar?

De acordo com Mariani (1996), o desenlace da disputa entre interpretações divergentes para atribuir sentido aos acontecimentos passados e presentes se consolida historicamente e acaba por constituir uma memória discursiva. Essa memória se atualiza a cada nova enunciação como uma virtualidade sujeita a deslocamentos provocados por acontecimentos discursivos. De acordo com Pêcheux (1999), retomando Achard (1999),

> a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjeturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento. (PÊCHEUX, 1999, p.52)

Os acontecimentos podem ser entendidos, então, como uma ruptura na estrutura vigente e a instauração de outro processo discursivo. O acontecimento reconfigura a virtualidade dos dizeres da memória discursiva; contudo, isto ocorre num jogo de forças entre a manutenção da "regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula" (Ibid, p. 53) e o choque de um acontecimento que "vem perturbar a rede de 'implícitos'" (Ibid, p. 53).

Se os acontecimentos relatados no segundo capítulo alteraram a *virtualidade dos dizeres da memória discursiva* política é uma questão que será desdobrada por nós no decorrer do trabalho. Mas desde já sabemos que algo é reiterado constantemente nos processos discursivos da atualidade: a heterogeneidade dos movimentos e ativistas ligados a eventos de repercussão mundial como o FSM. Sob o prisma da teoria do discurso, heterogeneidade tem um escopo próprio. Significa

que todo discurso é atravessado por outros discursos, sendo que a relação entre estes discursos heterogêneos se dá de forma contraditória, desigual e por confronto.

Authier (1982) faz uma distinção entre heterogeneidade constitutiva – todo discurso é constitutivamente atravessado por outros discursos – e heterogeneidade mostrada – o atravessamento do outro no discurso é indicado, podendo ser marcado (na materialidade da língua) ou não (neste caso é da ordem do discurso).

O conceito de heterogeneidade constitutiva é embasado em conceitos da teoria do dialogismo de Bakhtin e da psicanálise de Lacan. Segundo Authier (1982), no interior de nosso próprio discurso, outros discursos são ditos. O sujeito que fala ouve de si uma polifonia, a heterogeneidade do discurso se articula com a descentralização do sujeito cindido da psicanálise, e com o conceito de diálogo de *um* com seu *Outro*. Então, como podemos correlacionar a heterogeneidade do discurso com a heterogeneidade dos movimentos sociais. Seria pela presença da multiplicidade de movimentos/discursos dentro de um movimento/discurso maior?

4 SOB O PRISMA DA MATERIALIDADE DISCURSIVA

Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.

Marx

A análise a seguir se dividirá em duas partes. No entanto, a delimitação entre elas não será nítida, pois serão duas partes enquanto dois momentos lógicos (no sentido lacaniano do termo), e não dois segmentos linear e cronologicamente distintos. A primeira intentará desenvolver a questão de como se dá a mobilização de massas na participação do evento do FSM. Optamos neste caso por uma abordagem mais formalista, com base em Maingueneau. Como a problemática centra-se, neste momento, na busca de unidade, uma perspectiva muitas vezes considerada homogeneizadora parece-nos a mais oportuna. Sobretudo porque, dialeticamente, a questão da heterogeneidade, da multiplicidade será trabalhada na segunda parte. Nesta, a tensão entre a mobilização de *universos de sentidos mais estabilizados* e a radical multiplicidade de movimentos enquanto sintoma de nossa época será investigada sob um prisma teórico mais amplo (Courtine, Orlandi, além de Maingueneau).

4.1 Um Outro Mundo é Possível

O *slogan* do FSM “Um Outro Mundo é Possível” será nosso objeto de análise. Ele será tratado por nós por sua própria especificidade de *slogan.* Em seguida, desenvolveremos uma análise em torno de seu caráter de enunciado afirmativo que

funciona como atualização e negação de um já-dito em outro lugar, inscrito na memória política de nossa época.

De acordo com Maingueneau (1993), o *slogan* é um fenômeno enunciativo que se caracteriza, muitas vezes, por ser o *enunciado fundador* de uma "*coletividade suposta*" em dada formação discursiva. Um *slogan* não tem uma fonte ou origem precisa, não se distingue sua fonte sempre que tal *slogan* é enunciado. "Se não é necessário indicar-lhe a fonte, é justamente porque este nome é o nome do Ausente supremo, aquele sem o qual a coletividade que partilha o discurso não existiria ou não seria o que ela é." (MAINGUENEAU, 1993, p. 101)

Outro aspecto que caracteriza o *slogan,* segundo Maingueneau (1993, p. 101), é o de levar à ação: "o slogan, a um só tempo, 'impulsiona e engana' ['*fait marcher*'], ele está ligado a práticas". A partir dessa perspectiva teórica, o *slogan* do FSM pode ser analisado pela função que exerce ao impulsionar uma mobilização em massa, re-articulando[6] desse modo uma coletividade pertencente a determinada(s) formação(s) discursiva(s). Sempre que é enunciado por um dos participantes ou simpatizantes do evento, o *slogan Um Outro Mundo é Possível* permite um engajamento, uma pertença, a afirmação de uma convicção e o chamado à mobilização de todos aqueles que ainda não aderiram a determinada posição. Pode funcionar também marcando uma diferença com aqueles que divergem desta posição.

Nossa proposta é tratar o *slogan* do FSM, *Um Outro Mundo é Possível*, como um enunciado que atualiza a polêmica entre duas ou mais formações discursivas (FDs) em relação de disputa em dado espaço discursivo. Polêmica entre FDs cujo "domínio 'inconsistente', aberto e instável" (Ibid, p. 113) é sintoma da heterogeneidade constitutiva das mesmas.

Se, por um lado, o *slogan* do FSM funciona como enunciado atualizador de uma polêmica entre FDs de um determinado espaço discursivo, por outro, isto se

---

[6] Re-articula e não funda porque, como veremos a seguir, ele retoma uma polêmica histórica.

processa pela incorporação, negação e redefinição de pré-construídos do discurso com o qual a(s) FD(s) articulada no FSM está polemizando.

Entendemos *espaço discursivo*, amparados em Maingueneau (1993, p. 117), como “um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão do discurso considerado”. Campo discursivo, por sua vez, ainda de acordo com Maingueneau (Ibid, p. 116), é “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em dada região”.

O campo discursivo do qual o discurso do FSM faz parte é o mesmo daqueles discursos de que tratamos no capítulo anterior. Do *fim da História* ao *pensamento único/neoliberal*, por um lado; dos movimentos antiglobalização ao evento do FSM, por outro, temos alguns exemplos de um amplo campo discursivo que pode ser chamado de político/ideológico e que, na memória discursiva dos últimos três séculos, se dá em torno da polêmica entre *direita* e *esquerda*.

Polêmica que atravessou ao menos dois séculos, ela surgiu durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII, quando da formação dos chamados “Estados Gerais” para a elaboração da constituição da França. Um grupo de deputados se posicionava à esquerda e outro grupo à direita dentro do plenário. À esquerda se encontravam os Jacobinos (pequena burguesia e trabalhadores); estes tinham uma postura radical que visava a romper com a ordem social, política e econômica vigente para construir uma outra forma de sociedade. À direita se encontravam os Girondinos (alta burguesia), que tinham uma postura conservadora ou mesmo reacionária e buscavam apenas reformas parciais. No decorrer do século XIX, a distinção das posições incrementa-se ideologicamente com o nascente movimento proletário e com a reação da burguesia em ascensão desde a Revolução Industrial. No campo teórico discursivo, do lado do proletariado, surgem o socialismo utópico, o socialismo científico e o anarquismo; do lado da burguesia, o liberalismo político e econômico. (CHÂTELET, 1994).

No entanto, o espaço discursivo que delimitamos para nossa análise é mais restrito: dá-se em torno da concorrência entre o discurso do pensamento

único/neoliberal e o discurso do FSM, embora acontecimentos como o *fim da História*, o *Consenso de Washington*, a *queda do muro de Berlim* também façam parte deste espaço. Isto porque acreditamos que a re-atualização das FDs presentes no FSM se processa em confronto direto com estes elementos.

Retomemos a análise do *slogan*. Como o *slogan* é atravessado por outros discursos? Como se dá a presença do *já-dito* nesta formulação? O esquema abaixo sintetiza este processo:

Um Outro Mundo é Possível.
Pré-construído incorporado/negado/redefinido:
pensamento único ? Só há um mundo (capitalista) viável

Courtine (1981) estabelece uma distinção entre *enunciado* e *formulação* que será pertinente para nós neste momento da análise. Segundo o autor, o *enunciado* pertence a uma estrutura vertical que, dependendo do caso, pode tratar-se da FD a partir da qual o sujeito fala, ou pode tratar-se do interdiscurso. Neste último caso o enunciado pode pertencer a inúmeras FDs que constituem uma dada memória discursiva. Por sua vez, a *formulação* é a sintagmatização e linearização de um dado saber discursivo. É neste fenômeno que o *enunciado* – enquanto saber anterior e vindo de outro lugar, interdiscurso – se inscreve no intradiscurso – eixo horizontal do discurso. A formulação re-atualiza, rememora e re-significa uma dada memória discursiva.

Nesta perspectiva, o *slogan* do FSM pode ser tratado como uma formulação que re-atualiza a memória discursiva social e política. Os saberes que o *slogan* retoma são enunciados pertencentes ao interdiscurso ou, mais especificamente, a FDs que disputam a estabilização de sentidos em dado campo discursivo.

Em nossa interpretação, *Um Outro Mundo é Possível* é a incorporação, negação e redefinição do enunciado *Só há um mundo viável.* Trata-se de um enunciado que pode/deve ser dito na FD do pensamento único/neoliberal, pois é o correlato da unidade e do pragmatismo almejados pelos princípios deste pensamento. Se há um mundo e *apenas um mundo viável* é porque só pode

prevalecer o mundo que segue as *leis universais* do *livre* mercado, pois o livre mercado capitalista é mais *eficiente* que a economia planejada socialista. A eficiência da economia do livre mercado é que confere a primazia do econômico sobre o político. O mercado pode, portanto, resolver de forma mais eficiente os problemas sociais que o político sempre buscou resolver e não conseguiu.

O enunciado *Só há um mundo viável*, mesmo que não tenha nunca sido formulado, é paráfrase da expressão/formulação que nomeia esta FD: pensamento único. A unidade de pensamento é correlata à unidade do mundo. Sendo um pensamento que visa à objetividade a partir da unidade de princípios, então só se pode pressupor que o referente *mundo* seja um só e mesmo mundo.

É numa relação de antagonismo que o *slogan* do FSM incorpora e re-significa o enunciado *Só há um mundo viável,* o *slogan* atualiza o pré-construído da FD do pensamento único/neoliberal e simultaneamente se contrapõe a ele. Em nossa interpretação, ao fazer isto, o *slogan* atualiza uma polêmica em relação a esta FD.

Vimos que a formulação *Um Outro Mundo é Possível* incorpora o enunciado *Um [só] Mundo é Viável [Possível]* da FD do pensamento único. A inclusão de *Outro* contradiz e re-significa o já-dito da FD antagônica; com isto se re-instaura uma polêmica histórica inscrita na memória social e política. Esta é a polêmica da *esquerda* com a *direita*, que tem mais de dois séculos, mas que nós retomamos, neste trabalho, a partir dos acontecimentos políticos ocorridos de 1989 até 2001.

É preciso atentar para o funcionamento deste *Outro* no *slogan* do FSM, pois ele funciona sem negar diretamente a existência do mundo como ele é compreendido/constituído pela FD do pensamento único. Contudo, afirma a virtualidade de um Mundo diverso deste, alternativo a este que está aí (capitalista neoliberal). E é, sobretudo, neste aspecto que retoma a antiga polêmica entre esquerda e direita.

Juntamente com as manifestações antiglobalização, o discurso do FSM re-atualiza a polêmica ideológica entre a *direita* e a *esquerda*, que tinha sofrido um

intercurso de silêncio[7] após os acontecimentos políticos de 1989. As causas deste silenciamento estão relacionadas com a alteração do jogo de forças no campo da luta ideológica provocada pelos acontecimentos já mencionados.

Retomando os argumentos de Boito Jr. (2004), já tratados anteriormente, a derrocada do socialismo real na URSS, o discurso do *fim da História* e a globalização neoliberal levaram a uma descrença em relação a alternativas viáveis ao capitalismo neoliberal. No intervalo entre 1989 e 1998, a disputa entre os discursos engajados com propostas de transformação social (sobretudo o marxismo) e os discursos alinhados com a manutenção da forma de organização social e econômica foi silenciada. Os acontecimentos de 1989 levaram a(s) esquerda(s) a uma crise generalizada.

O *slogan* do FSM se inscreve no fio dos acontecimentos que desde 1998 fazem ressurgir o embate polêmico entre FDs antagônicas na memória social e política da contemporaneidade. Com isto, propomos tratar o *slogan* não enquanto enunciado que constitui uma dada FD, e sim como um delimitador que distingue aqueles que se engajam no discurso pela transformação social para a construção de um *Outro Mundo* e aqueles que se coadunam com o discurso dominante. Ou seja, o *slogan* não funda uma FD nova, mas re-articula, mobiliza uma coletividade ligada às FDs re-atualizadas no FSM. É o (re)posicionamento do(s) sujeito(s) frente à retomada da polêmica *esquerda* e *direita*. Este fato relaciona-se à questão "da eficácia dos discursos, sobre sua aptidão em suscitar a adesão de um conjunto de sujeitos" (MAINGUENEAU, 1993, p. 117). Em nossa perspectiva, as atitudes céticas e fatalistas da década de 90, citadas por Boito Jr. (2004), não são consensuais, havendo resistências e apostas em alternativas possíveis ao capitalismo neoliberal. Este fenômeno é o que leva a adesão ao *slogan* do FSM.

Estamos tratando o *slogan* a partir de sua inserção em uma memória discursiva que abarca todo espaço discursivo da polêmica por nós referida. Isto porque, segundo Maingueneau:

---

[7] Localmente e no campo de disputa eleitoral partidária, a polêmica esquerda e direita continuava ocorrendo. Contudo, houve um deslocamento de sentido e uma indistinção ideológica e de governança entre esquerdistas e direitistas a partir da década de 1990.

> Um enunciado de uma formação discursiva pode, pois, ser lido em seu "direito" e em seu "avesso": em uma face, significa que pertence a seu próprio discurso, na outra, marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos. Nesta perspectiva, as eternas polêmicas em que as formações discursivas estão envolvidas não surgem de forma contingente do exterior, mas são a atualização de um processo de delimitação recíproca, localizado na própria raiz dos discursos considerados. (MAINGUENEAU, 1993, p. 120)

A retomada da polêmica é, de acordo com Maingueneau, constitutiva de determinadas memórias discursivas: "A polêmica não se instaura de imediato; ela só se legitima ao aparecer como repetição de uma série de outras que definem a própria 'memória polêmica' de uma formação discursiva" (Ibid, p. 124).

Os acontecimentos ocorridos no final da década de 80 e início da década de 90, já relatados por nós, levaram a uma hegemonia dos discursos neoliberais/capitalistas. Com a queda do muro de Berlim, a derrocada do Segundo Mundo levou à descrença em relação à sociedade planejada do chamado socialismo real. Fukuyama enunciou o *fim da História* argumentando ser a democracia neoliberal (capitalista) a melhor e a derradeira forma de organização social inventada pelo Homem. A globalização neoliberal seguiu-se à derrubada das fronteiras entre Primeiro e Segundo Mundo. A hegemonia do capitalismo globalizado teve como efeito o imaginário de que o Mundo é UM só, sendo as regras de funcionamento do *livre mercado* válidas em todo o globo terrestre.

Dos acontecimentos supracitados escolhemos os seguintes enunciados que consideramos estar em relação polêmica direta com o *slogan* do FSM:

Derrocada do Segundo Mundo
Fracasso do socialismo real
Socialismo utópico/impossível
Fim da História

Os enunciados do quadro acima remetem a acontecimentos que provocaram alterações na memória discursiva social e política do final do século XX. A hegemonia da FD do pensamento único/neoliberal decorre do silenciamento dos

saberes de esquerda após os eventos políticos de 1989 presentificados na materialidade discursiva através dos enunciados: *derrocada do Segundo Mundo*, *fracasso do socialismo real.* O socialismo, já em crise desde a década de 60, perdeu sua eficácia em suscitar a adesão em massa.

Somente com as manifestações antiglobalização, um discurso capaz de suscitar a convicção na viabilidade de alternativas ao capitalismo conseguiu mobilizar multidões no plano mundial. O *Possível* do *slogan* do FSM funciona como afirmação desta viabilidade e, por conseguinte, re-estabelece a polêmica ao evocar e dar uma resposta aos enunciados: socialismo fracassado/inviável; socialismo utópico/impossível; fim da História.

É preciso ressaltar que a crise do marxismo e do chamado socialismo real vinha se agravando desde o fim do stalinismo, no início dos anos 60. A alcunhada fragmentação das esquerdas decorria tanto das mudanças estruturais do capitalismo que levaram às mudanças nas antigas organizações da classe trabalhadora, quanto da crítica crescente ao regime Soviético – que para alguns teóricos (TRAGTENBERG, 1981), antes mesmo da queda do muro, não se tratava de uma sociedade socialista nos moldes preconizados por Marx e Engels.

No entanto, a crise foi interpretada pela FD articulada no pensamento único/neoliberal sem fazer distinções entre as várias interpretações marxistas (ou não) dadas ao chamado socialismo real. O fracasso da economia planejada pelo estado centralizado e burocrático soviético foi interpretado como o fracasso do socialismo frente à eficiência capitalista e à maior *legitimidade* da democracia liberal.

Maingueneau (1993) compreende essa forma de interpretação (ideológica) como um diálogo de surdos, um interincompreensão.

> A “incompreensão”, resultante do mal-entendido e do malogro ocasionais, se transforma em “interincompreensão” porque obedece a regras e *estas regras são as mesmas que definem a identidade das formações discursivas consideradas.* Dito de outra forma, o sentido aqui é um mal-entendido sistemático e constitutivo do espaço discursivo. (MAINGUENEAU, 1993, p. 120)

Na polêmica entre FDs que concorrem dentro de um dado espaço discursivo, as “unidades de sentido” de uma determinada FD tornam-se um *simulacro* quando

interpretada pela FD antagônica. “O discurso *só pode relacionar-se com o Outro do espaço discursivo através do simulacro que dele constrói*” (Ibid, p. 122). É assim que o socialismo real adquire um sentido unívoco na FD do pensamento único. A URSS foi, segundo esta leitura, a experiência histórica (fracassada) do projeto socialista (marxista) iniciada no século XIX, consumada e terminada no século XX.

A *viabilidade* de um mundo alternativo, re-afirmada pelo *slogan* do FSM, de certo modo, reivindica o pragmatismo/efetividade do pensamento único ao mesmo tempo em que nega o caráter utópico dos projetos alternativos – de esquerda. Ao se apropriar da unidade de sentido *pragmatismo/efetividade*, a FD do FSM cria um *simulacro* desta. A viabilidade da alternativa só pode se concretizar pela reforma (ou pela ruptura revolucionária) com o *Status Quo* e com a política neoliberal. Para tanto é preciso mudar as regras do livre mercado ou contrapor a estas outras que privilegiem o social e não o econômico.

O *slogan* do FSM tem derivados parafrásticos muito repetidos durante o evento, como por exemplo:

Outros Mundos são Possíveis
Um mundo Melhor é Possível

Segundo Orlandi (2002), a paráfrase é um dizer que mantém algo de um outro dito, sedimentado na memória. São diferentes formulações retomando um mesmo enunciado estabilizado na memória discursiva. Contudo, ainda de acordo com a autora, a repetição do mesmo produz também o deslocamento, o equívoco, a polissemia. Paráfrase e polissemia se imbricam numa tensão contínua em toda formulação. “Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas.” (ORLANDI, 2002, p. 36)

A (re)formulação *Um Mundo Melhor é Possível* retoma o *slogan* do FSM, mas produzindo um deslocamento de sentido ao substituir *Outro* por *Melhor*. A afirmação de uma alternativa viável ao mundo capitalista neoliberal do *slogan* do FSM é re-significada nesta paráfrase pela mudança de adjetivo. *Melhor*, além de manter o

sentido de alternativa viável, produz um efeito de sentido valorativo. O sujeito que enuncia *Um Mundo Melhor é Possível* atribui um valor positivo ao mundo alternativo cuja realização ele acredita ser viável – um valor positivo ou superior em contraposição ao valor negativo do mundo efetivo (do capitalismo neoliberal). Ao atribuir um valor positivo/superior ao mundo alternativo, esta formulação funciona como crítica valorativa ao discurso do fim da História e ao suposto "consenso" de que a democracia liberal é a *derradeira* forma da organização política. No entanto, ao funcionar como crítica valorativa, a reformulação do *slogan* remete aos critérios ou parâmetros avaliativos de que se serve para comparar e valorar os *mundos* (neoliberal e alternativo). Quais são os critérios que definem o que é melhor ou pior? Há critérios objetivos universalmente aceitos?

Essas questões dizem respeito às regularidades da FD articulada durante o FSM. Os critérios avaliativos poderiam/deveriam ser parte do discurso em questão. No entanto, antes temos de nos perguntar pela estabilidade e pela identidade da FD articulada durante o FSM. Trata-se de uma, duas ou mais FDs?

De acordo com nossa interpretação, a polêmica retomada a partir do *slogan* do FSM é a da *esquerda* com a *direita.* Contudo, o sentido de *esquerda* tem sofrido deslocamentos desde os acontecimentos das últimas décadas. A polissemia se acentuou quando o enunciado "fragmentação das esquerdas" se inscreveu na memória discursiva política e social do final do século passado. A problemática levantada neste ponto remete à crise do materialismo histórico e sua fusão/fissão com o movimento dos trabalhadores, ou, em outras palavras, remete ao declínio das metanarrativas emancipadoras. (LYOTARD, 1993).

A instabilidade do sentido de *esquerda* (e mesmo de *direita*) na atualidade, embora a fronteira e a polêmica entre as duas posições discursivas seja regularmente retomada, impede que se explicitem os critérios (de forma objetiva e universal) com que cada uma critica, compara e avalia o discurso da outra. Podemos interpretar a FD articulada durante o FSM como um discurso cuja heterogeneidade impede uma estabilização de sentidos capaz de permitir a construção de parâmetros consensuais (produzindo com isso o efeito de objetividade). Ou ainda podemos interpretar que as inúmeras FDs articuladas durante o FSM não têm uma identidade para além daquela dada por seu avesso. Ou seja, a aliança de inúmeras FDs se

funda na identidade da FD antagônica: a FD do pensamento único/neoliberal capitalista.

A reformulação do *slogan* que articula no plural o enunciado de referência permite avançarmos nesta questão. *Outros Mundos são Possíveis* pluraliza os mundos alternativos e a viabilidade destes. Esta reformulação parafrástica produz um deslocamento de sentido que pode ser interpretado como um acontecimento discursivo. A pluralização dos mundos alternativos e viáveis introduz a questão da multiplicidade ou diversidade dos movimentos alternativos atuais. Esta é a contra face (positiva) do discurso (negativo) da fragmentação das esquerdas.

A diversidade adquire uma valoração positiva em contraposição à unicidade de valores e do referente do discurso do pensamento único/neoliberal. Isto está de acordo com a proposta de o FSM ser um *locus* de debate entre os mais diversos ativistas sociais e políticos do mundo atual. Seu objetivo maior é articular as variadas propostas e ações alternativas e estabelecer consensos entre os interlocutores:

> Não se trata de centralizar as preocupações e ações das organizações, redes e movimentos, mas de expandir, abrir espaço para a criatividade e iniciativa, para que qualquer sensação de dispersão ou fragmentação em nosso trabalho seja desfeita. Desse modo, os pontos de divergência e convergência podem emergir mais claramente e dar dimensão mais radical e força para a diversidade que nos caracteriza no FSM. (FSM, 2004)

A concepção do Fórum já parte de um já-dito/sabido: a diversidade dos movimentos e ativistas que se contrapõem ao discurso alinhado com o pensamento único. A unidade é pressuposta no outro, no discurso do pensamento único. O que pode ser interpretado como um *simulacro* do Outro (MAINGUENEAU, 1993).

Para avançarmos um pouco mais nesta questão – da pluralidade das esquerdas –, analisemos uma outra formulação que, pelo neologismo criado, aparece como sintoma da tensão entre unidade e diversidade.

4.2 Unimultiplicidade

O cantor Tom Zé compôs uma música especialmente para o FSM, chamada, curiosamente, *Unimultiplicidade*. Segue a letra da música na íntegra:

UNIMULTIPLICIDADE

Cada homem é, sozinho,
A casa da humanidade.

Não tenho nada na cabeça
A não ser o céu.
Não tenho nada por sapato
A não ser o passo.
Não faço nada com o passo,
Só traço a linha do futuro.
E o futuro tem caminho
Na unimultiplicidade,

Pois cada homem é sozinho,
A casa da humanidade.

Não tenho nada no Guaíba
A não ser a vida.
Não tenho nada nas estradas
Só uns amigos meus,
Não tenho nada com as águas,
Somente o berço original
E esse berço se abraça
Na unimultiplicidade.

Pois cada homem é sozinho,
A casa da humanidade.

Fonte: <www.apropucsp.org.br/r12_r25.htm.> Acesso 20 jun. 2004.

O neologismo *unimultiplicidade*, título da canção, construído na junção entre o prefixo *uni* com o substantivo *multiplicidade*, produz um paradoxo que reclama uma nova interpretação. O prefixo *uni* associa-se a *unidade*, remetendo a sentidos *dominantes* similares, historicamente estabilizados, que têm como sinônimos *único*, *uno*, *união*, e como antônimos *heterogeneidade*, *desunião*. Por sua vez, *multiplicidade* associa-se a pluralidade, diversidade, abundância, como sentidos

dominantes similares; e unidade, escassez como sentidos *dominantes* antônimos. Por *sentidos dominantes* entendemos, a partir de Orlandi (2003), os efeitos de sentidos dominantes constituídos e, muitas vezes, institucionalizados resultantes de determinadas condições de produção.

O paradoxo produzido por *Unimultiplicidade* se dá pela oposição de sentidos entre *uni* e *multiplicidade.* Como se pode conceber a unidade em associação a seu antônimo multiplicidade? O paradoxo do neologismo produz um deslocamento de sentido e, sintomaticamente, sintetiza uma questão colocada no FSM: a problemática da necessidade estratégica de estabelecer uma unidade de ação entre os inúmeros movimentos e ativistas do mundo todo para se contrapor ao adversário comum, o neoliberalismo capitalista.

Para além disso, *unimultilicidade* atribui um valor positivo à diversidade, pluralidade cuja contra face é a *fragmentação das esquerdas*. A junção do prefixo *uni* ao substantivo *multiplicidade* expressa a busca de convergências, de uma mínima unidade para a ação estratégica.

Cada homem é, sozinho, A casa da humanidade.

O enunciado acima, que funciona como refrão da música, ao trazer *homem* e *humanidade* numa construção sintática que define homem como casa da humanidade, produz um vínculo entre a parte (homem) e o todo (humanidade). Vínculo naturalizado pelo enunciado. O homem, ser particular, *sozinho* é a *casa*, morada concreta da *humanidade*, conjunto universal dos homens, conceito. Os já-ditos retomados neste enunciado são próprios ao discurso humanista[8].

---

[8]Segundo Salvatore Puledda (2005), embora o humanismo tenha diversas versões e correntes, alguns valores e conceitos são comuns a todos: a humanidade como centro das preocupações e dos valores; a afirmação de que todos os seres humanos devem ser tratados como iguais; a valorização da diversidade individual e cultural. Em contraposição, para Châtelet (1994) "o humanismo contém o universalismo, no sentido de que a particularidade individual garante o respeito pelo universal. Sendo assim, o humanismo leva a recusar a fundação de uma definição da humanidade com base em distinções e diferenças(...)"(CHÂTELET, 1994: p.163)

O sentido produzido é o vínculo *natural* entre indivíduo concreto e o conceito abstrato de humanidade. Este último açambarca o conjunto dos homens particulares. Mas para isso, é necessário abstrair as diferenças (apesar de valorizá-las como atributo *comum* a todos os homens) e enfatizar o que é comum entre eles. Este discurso não está longe daquele que Stirner (2004), descreve como liberalismo humanista:

> Até agora, os homens esforçaram-se sempre por inventar uma comunidade em que as suas outras desigualdades se tornassem "não essenciais"; esforçaram-se por alcançar uma igualização, ou mesmo *igualdade*, e queriam ficar todos unidos (...). Para o homem não pode haver nada mais comunitário ou igual do que o próprio homem, e foi nesta comunidade que o desejo de amor encontrou a sua satisfação: não descansou enquanto não introduziu esta última igualização, aplanando todas as desigualdades e juntando os homens num abraço universal. (STIRNER, 2004: p. 112/113)

Não tenho nada na cabeça
A não ser o céu
Não tenho nada por sapato
A não ser o passo,

A repetição da construção "*não tenho nada a não ser*" remete à ausência de bens materiais, própria aos movimentos dos sem (sem-terra, sem-teto, sem-emprego, etc.) presentes no evento, e característicos de nossos tempos. A construção também funciona como negação de atributos naturais ou culturais para além da condição de se viver sob o céu e ser um indivíduo capaz de se locomover. O céu que ele tem sobre a cabeça é o mesmo céu de todos os homens que vivem sobre a face da Terra. O passo que substitui o sapato é outro atributo universal dos seres humanos que, como todos os animais, podem se locomover dando passos. A ausência de sapatos funciona como ausência de bens materiais e particularismos culturais. Em uma formação social como a atual – onde se privilegia e se incentiva o consumismo e a opulência material e, por outro lado, se identifica e se distingue alguém por meio da posse de objetos –, a ausência de posses (sapato) serve como laço de identificação com outros que estão na mesma condição.

A condição que permite uma associação com os outros é a ausência de atributos considerados essenciais em nossa sociedade. A identidade daqueles que se posicionam a partir deste lugar se constrói numa contra-identificação ao discurso dominante, colocando-se como discurso *do contra*, remetendo, dentro da memória política do século XX, ao esquerdismo descrito e criticado por Lênin (2004). Desenvolveremos este ponto no próximo capítulo.

Não faço nada com o passo Só traço a linha do futuro. E o futuro tem caminho Na unimultiplicidade

As construções *linha do futuro* e *o futuro tem caminho na unimultiplicidade* produzem um sentido de caminho convergente: múltiplos homens caminham em direção a um mesmo futuro, uno e múltiplo. A unidade almejada é para a construção do futuro, futuro da humanidade. Unimultiplicidade e humanidade, pelo efeito da rima, são tornados equivalentes, senão sinônimos. Novamente o discurso humanista se faz presente, pois, de acordo com esse discurso, "o homem, ou a humanidade, é a finalidade do indivíduo, para o qual trabalha, pensa, vive, e para cuja glorificação ele se deve tornar 'homem'". (STIRNER, 2004: p. 112)

Não tenho nada no Guaíba A não ser a vida Não tenho nada com as águas, Somente o berço original

O nome próprio *Guaíba* contextualiza a música, o momento histórico, no caso o primeiro FSM que ocorre em Porto Alegre, localizada às margens do rio Guaíba. *Vida* e *águas*, enquanto *berço original* (do homem), referem-se a atributos universais da espécie humana. Seres dotados de vida, sendo que a vida na Terra se originou nos mares, seu berço, segundo o discurso da ciência.

Esse berço se abraça

Na unimultiplicidade

O berço de todas as formas de vida, as águas, se abraça, se une na unimultiplicidade. Produz-se uma *ampliação* do discurso humanista para o ecológico. *Unimultiplicidade* pode ser interpretada não só como o conjunto diverso de homens, mas como o conjunto harmonioso de todas as formas de vida da Terra.

A diversidade cantada na música é uma diversidade harmoniosa. A ausência de particularismos, ou a desvalorização destes, permite a identificação daquilo que seria comum a muitos homens, como a pobreza ou a miséria. Em seguida, a canção se alia ao discurso ecológico para adjetivar as condições do meio – mundo – partilhado por todos.

A procura de unidade na multiplicidade de ativistas, movimentos, ONGs, entre outros, parece ser a busca do estabelecimento de uma aliança com fins estratégicos, mas também pode ter uma motivação em valores fundantes da cultura ocidental. Clastres (1990), ao estudar as sociedades indígenas sul americanas que se organizavam de modo a evitar a formação do Estado – *sociedades contra o Estado* - encontrou na metafísica profética indígena uma explicação para a recusa do Estado por parte delas. Para os profetas guaranis o Um é a fonte do Mal e da infelicidade. Esta posição metafísica, antípoda da metafísica grega, segundo Clastres (1990) igualaria o Mal com o Um, equação metafísica, e, por conseguinte, o Um com o Estado, equação política. Em seguida o autor coloca uma questão mais abrangente, muito pertinente para nossa análise sobre a procura de unidade na multiplicidade:

> Essa leitura "política" de uma constatação metafísica deveria incitar a colocar uma questão, talvez sacrílega: não se poderia submeter a semelhante leitura toda metafísica do Um? Que acontece ao Um como Bem, como objeto preferencial, que, desde sua aurora, a metafísica ocidental impõe ao desejo do homem? Detenhamo-nos nesta perturbadora evidência: o pensamento dos profetas selvagens e aquele dos gregos antigos pensam a mesma coisa , o Um mas o índio guarani diz que o Um é o Mal, ao passo que Heráclito diz que ele é o Bem. *Em que condições é possível pensar o Um como Bem?* (CLASTRES, 1990: p. 151)

Questão que o autor deixa no ar sem responder, mas que aponta para nossa própria condição de *sociedades com Estado*. Em nosso objeto de estudo, a equação Um = Bem da cultura ocidental também tem implicações políticas: Na canção *Unimultiplicidade*, verifica-se a valorização da heterogeneidade/multiplicidade, contrabalançada pela busca de unidade através da harmonia/convergência de interesses.

Podemos, então, inferir que o FSM articula e mobiliza discursos e sujeitos diversificados. Contudo, são diferentes sujeitos que pela própria equivocidade do *slogan* se engajam numa mesma memória polêmica. Se o conjunto de FDs articuladas a partir do *slogan* se identificam como de uma mesma *esquerda*, podemos interpretar esse fenômeno como da ordem de uma identificação imaginária? Ou a multiplicidade de movimentos e a heterogeneidade de correntes e perspectivas ali presentes é plenamente açambarcada pelo discurso humanista e/ou esquerdista como dá a entender a música de Tom Zé? Questões que remetem à especificidade da materialidade ideológica.

5 A PROBLEMÁTICA IDEOLÓGICA

Sem teoria revolucionária, nada de movimento revolucionário. Mas sem movimento revolucionário, nada de teoria revolucionária.

Althusser

A problemática da heterogeneidade/unidade dos movimentos, ativistas e entidades mobilizadas pelo *slogan* do FSM por nós analisado no capítulo anterior será, agora, desenvolvida no seu âmbito ideológico. A questão que colocamos, neste momento da análise, é saber quais formações ideológicas e formações discursivas estão relacionadas com os sujeitos mobilizados pelo *slogan* do FSM. A que posições ideológicas remetem os discursos articulados no FSM?

O discurso humanista e o discurso *do contra* ou esquerdista, em nossa interpretação, presentes na canção *Unimultiplicidade*, podem nos ajudar a resolver esta questão. De acordo com Pêcheux (1997), o discurso humanista[9] se caracteriza por ser um contradiscurso, ou um discurso contra, e possui "diversas formas teóricas e políticas, reformistas *e* esquerdistas" (PÊCHEUX, 1997, p. 216).

---

[9] Pêcheux parece ter em mente o discurso humanista de cunho idealista que opõe essência do ser humano (liberdade) à natureza (determinismo físico e biológico). O enunciado "os homens nascem livres e iguais" sintetiza esta tese. Não se trata exatamente do mesmo humanismo da música – que não opõe ser humano à Natureza. Mas para efeito dos argumentos acima levantados esta diferença não é pertinente, pois para Pêcheux, naquele momento, a única saída válida da ideologia dominante era o marxismo-leninismo, sendo qualquer alternativa categorizada como esquerdista. Veremos adiante que o autor vai progressivamente mudar sua posição sobre este problema.

Enquanto *contradiscurso*, o discurso humanista e o *esquerdista* são a contra-identificação, recusa do sujeito em relação à evidência ideológica.

> (...) o sujeito da enunciação "se volta" contra o sujeito universal por meio de uma "tomada de posição" que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o "sujeito universal" lhe "dá a pensar": luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno da evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. (PÊCHEUX, 1997, p. 215)

Pêcheux está retomando as críticas que os marxistas leninistas fizeram a outras correntes de esquerda para conceituar os discursos esquerdistas (retomado de Lênin, 2004), marxistas humanistas (como o de Sartre, criticado por Althusser, 1980), sociais democratas, reformistas, etc., na perspectiva de sua teoria do discurso e da teoria da ideologia althusseriana.

Segundo esta perspectiva, os discursos mobilizados no FSM, a partir do *slogan*, sobretudo o humanista e o esquerdista, embora se posicionem como antagônicos em relação à ideologia neoliberal/capitalista, continuam a tê-la como matriz dos sentidos de seus contradiscursos. A recusa no campo discursivo não corresponde a uma ruptura ideológica, e conforme Pêcheux, não significa a demarcação de uma fronteira entre FDs diferentes:

> (...) esse "antagonismo" (que possui a forma da contradição hegeliana: a negatividade, a Aufhebung, etc.) se manifesta, em realidade, no *interior da forma-sujeito*, na medida em que o efeito daquilo que definimos como *o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identifcação do sujeito com uma formação discursiva.* (PÊCHEUX, 1997, p. 216)

O próximo passo da interpretação, então, seria correlacionar os sujeitos mobilizados pelo *slogan* do FSM com uma nova versão do esquerdismo, como uma versão infantil do comunismo[10]. Esta interpretação é possível e poderia, a contento, se ajustar ao fechamento, ainda que provisório, de nossa análise. Contudo, acreditamos que, procedendo assim, ignoraríamos sub-repticiamente a questão da diversidade, multiplicidade ou heterogeneidade dos novos movimentos sociais. E,

---

[10] Menção ao texto de Lênin: Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo [1920].

por outro lado, desconsideraríamos as reformulações empreendidas por Pêcheux no arcabouço teórico da AD. Abordemos primeiro esta problemática.

A interpretação efetuada por Pêcheux em relação ao discurso esquerdista e humanista como um discurso que não rompe com a FD com a qual polemiza, e que, portanto, continua assujeitado a ela, está inserida em um dos capítulos finais de seu livro *Semântica e Discurso.* O mesmo capítulo sofreu uma crítica posterior do próprio autor, pois nele é esboçada "uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra" (PÊCHEUX, 1997, p. 299). Essa pedagogia se constituiria na prática política (de cunho marxista leninista) do proletariado em conjunto com a ciência do materialismo histórico. Pêcheux considerou, na sua crítica, que esta pedagogia de ruptura era teoricista e embasava-se em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista em relação à ideologia burguesa. A partir desta nova perspectiva, marxismo-leninismo, esquerdismo, humanismo encontram-se *todos* imersos na ideologia dominante.

Segundo Gregolin (2004), Pêcheux faz esta autocrítica em um momento político específico, "alguns meses antes da ruptura do Programa Comum da esquerda francesa, no meio do imenso debate que ela suscitou entre os militantes do PCF" (GREGOLIN, 2004, p. 138). O projeto althusseriano estava próximo de sua crise. Sintomaticamente, o título da autocrítica é: *Só há causa daquilo que falha ou o Inverno Político Francês.* Neste texto Pêcheux se afasta da doutrina marxista leninista e se aproxima (mais) do sujeito (a falhas) cindido de Lacan.

Pêcheux escreveu este texto como anexo para a edição inglesa do livro *Semântica e Discurso*. No mesmo ano, 1978, de acordo com Gérard Lebrun (1983), Althusser manifestou seu descontentamento com o Partido Comunista Francês.

De acordo com Lebrun (1983), o descontentamento de Althusser é relativo ao modelo militarista e parlamentar do PCF. Althusser propõe, então, *ouvir as bases*, e critica a apropriação e monopolização da teoria pelos dirigentes. Althusser chama o modelo do PCF de stalinista; Lebrun discorda, e argumenta que o modelo criticado pelo filosofo francês é o leninista.

> Pois é Lênin, que eu saiba, quem proclama que "a consciência política de classe só pode ser trazida ao operário do exterior", e que a classe operária, largada ao seu próprio impulso, "só pode chegar até a consciência

> sindicalista"[11]. É com Lênin que "emancipação dos trabalhadores", em vez de ser "obra dos próprios trabalhadores" (Marx), vai tornar-se "fruto da difusão no corpo social interessado da doutrina libertadora, da teoria, da consciência"[12]. (LEBRUN, 1983, p. 147)

A crítica de Althusser ao PCF, e a autocrítica de Pêcheux a "um paradoxal sujeito da prática política do proletariado cuja simetria tendencial com o sujeito da prática política burguesa não era questionada" (PÊCHEUX, 1997, p. 298) convergem ao problematizarem a exterioridade da teoria em relação aos sujeitos (interpelados pela Ideologia). Uma vez criticada esta concepção de disciplinar e conscientizar as massas através da máquina partidária, suposta portadora da ciência do materialismo histórico, como pensar a fusão entre o movimento operário e a ciência do materialismo histórico?

Da perspectiva althusseriana e da AD, esta questão se mostra complexa, pois, de acordo com a teoria dos aparelhos ideológicos de Estado, as injunções e as evidências da Ideologia são incontornáveis para um "sujeito político" confiante no "autodidatismo da 'tomada de consciência' das 'lições da experiência', etc..." (Ibid.p. 297). De acordo com Pêcheux (1997), o sujeito que, pela prática política, pretendesse escapar à interpelação ideológica se defrontaria com os limites de sua própria condição de agente suporte da Ideologia.

No entanto, Pêcheux (1997) entende os aparelhos ideológicos de Estado como "a *sede* e o *motivo* de uma luta de classes" (p. 298); e "a luta ideológica de classes como um processo de reprodução-transformação das relações de produção existentes" (p. 298). Desse modo, a ideologia dominante é atravessada por uma contradição interna, sendo palco de lutas e resistências. Lutas e resistências de sujeitos divididos e contraditórios. De acordo com Pêcheux (1997), no texto anexo, o assujeitamento, como todo ritual, falha.

Pois é justamente em *Só Há Causa Daquilo que Falha* que Pêcheux (1997) re-elabora sua concepção de sujeito se aproximando mais do sujeito cindido da psicanálise lacaniana. O sujeito do inconsciente é aquele que não se deixa capturar

---

[11] Lebrun cita Lênin, *O que Fazer?* [1902].
[12] Lebrun cita Alain Besançon, *Les origines intellectueles du léninisme*. (1977)

inteiramente pela Ideologia. Sujeito cindido, sujeito a falhas, equívocos, lapsos. “(...) não estaria a série analítica sonho-lapso-ato falho-Witz encontrando algo que infecta constantemente a ideologia dominante, do próprio interior das práticas em que ela tende a se realizar?”, pergunta-se Pêcheux (1997, p. 301).

As produções inconscientes, ao efetuarem revoltas e resistências através de “alguma coisa” “fugidia”, conseguindo assim “vitórias ínfimas” e “que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio” (Ibid. p.301), são contrastantes com a disciplina revolucionária industrial proposta por Lênin.

> O que Lênin exige são massas talhadas pela dominação burguesa, disciplinadas pelos contramestres e sargentos. E, se acontecer que as massas não correspondam à alta idéia que o teórico forjou delas, este, ao se tornar chefe de Estado, decretará com toda a simplicidade que “as condições sócio-econômicas ainda não permitiram que os operários se tornem verdadeiros proletários”. Foi o que Lênin afirmou no discurso de 1922 no XIº Congresso – e que lhe valeu esta réplica fulminante de um homem de espírito na assembléia: “Deixe-me felicitá-lo, camarada Illitch, por ser a vanguarda de uma classe inexistente”. (LEBRUN, 1983, p. 149)

Segundo nossa leitura, a nova abordagem de *sujeito cindido* que se revolta e resiste (inconscientemente) apresentada em *Só há Causa Daquilo que Falha* está mais próxima do “homem de espírito na assembléia” citado por Lebrun do que das “massas talhadas” e “disciplinadas”, o ideal revolucionário de Lênin. O mesmo ocorre no exemplo do intelectual militante que trabalhou um ano nas Indústrias Citroën, citado por Pêcheux (1997) em seu texto. O trabalhador relata a indisciplina do corpo que resiste a se tornar uma máquina.

Se Pêcheux, ao se aproximar mais da psicanálise lacaniana, se afasta das concepções leninistas de luta revolucionária, como pensar a revolução na ótica da AD? O inconsciente do sujeito resiste e pode pôr em xeque a ideologia dominante, mas não pode planejar uma revolução e, de acordo com Pêcheux (1997), não é fonte da ideologia dominada. Como pensar a constituição de uma ideologia proletária/dominada? Pêcheux não dá uma resposta a esta questão, apenas esboça um caminho de pesquisa para:

> compreender o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica e política de classes, evitando fazer da ideologia dominada, seja a repetição eternitária da ideologia dominante, seja autopedagogia de uma experiência

> que descobre progressivamente o verdadeiro atrás-das-cortinas das ilusões mantidas pela classe dominante, seja a irrupção teoricista de um saber exterior, o único capaz de romper o círculo encantado da ideologia dominante. (PÊCHEUX, 1997, p. 303)

Em nosso trabalho esta questão aparece colocada pela própria existência do FSM. Como construir uma unidade estratégica entre os movimentos sociais, ONGs, ativistas, etc. capaz de se contrapor ao capitalismo neoliberal? Esta questão é central para a construção de um mundo alternativo, seja através de uma revolução, seja através de reformas radicais. O marxista Michael Löwy (1987) expressa este problema nos seguintes termos:

> O proletariado (...) não pode tomar o poder, transformar a sociedade e construir o socialismo senão por uma série de ações deliberadas e conscientes. O conhecimento objetivo da realidade, da estrutura econômica e social, da relação de forças e da conjuntura política é, portanto, uma condição necessária de sua prática revolucionária. (LÖWY, 1987, p. 200)

Novamente a questão da fusão do movimento do proletariado com a ciência do materialismo histórico é colocada. Se insistimos nesta questão é por que ela nos parece crucial para AD hoje. Althusser e Pêcheux a tinham em conta, como vimos. Se ela não é respondida, ou então superada, a AD corre o risco de se enquadrar naquilo que Foucault (2003 a) chama, “um tanto ironicamente, de marxismo acadêmico” (FOUCAULT, 2003 a, p. 8). Como se dá o efeito de retorno da luta ideológica (acadêmica) sobre a base econômica? Qual é a função do analista de discurso em relação aos movimentos sociais presentes no FSM? “De todo modo, o que significa ser marxista hoje?”, pergunta Lopes da Silva (2002, p. 199).

Interpretamos a própria existência do FSM e o neologismo *Unimultiplicidade* como sintomas da ausência de um (meta)discurso capaz de unir as esquerdas na atualidade. O vazio deixado pelo enfraquecimento do marxismo[13], enquanto discurso capaz de engajar as massas revolucionárias, dá indícios da fissão entre a teoria revolucionária (marxista) e os movimentos de esquerda da atualidade. A adesão ao

[13] Mesmo o humanismo presente na canção não nos parece ser capaz de unir ou de açambarcar a multiplicidade. Sua eficácia de mobilização e engajamento de massas não se efetivou na prática política e social de longo prazo.

marxismo por parte dos movimentos políticos de hoje é minoritária, movimentos que correspondem a uma parcela da multiplicidade de correntes presentes no FSM, por exemplo. A fissão da teoria marxista com as massas (se é que um dia ocorreu fusão entre elas) a torna, segundo seus próprios preceitos, inoperante, estéril para a luta revolucionária[14]. Os marxistas leninistas, talvez, almejem insistir na luta ideológica na teoria para que, em *condições sócio-econômicas* mais propícias, surjam, enfim, *os verdadeiros proletários* revolucionários devidamente *disciplinados* e *talhados.* Nossa proposta é outra.

Remontemos à questão da multiplicidade dos movimentos de esquerda da atualidade. A gama de movimentos presentes no evento do primeiro FSM é muito variada. Alguns exemplos oficialmente presentes são: movimentos ecologistas (Friends of the Earth, Núcleo Amigos da Terra), movimentos das mulheres (Movimiento Amplo de Mujeres, Ser Mulher), movimentos defensores dos Direitos Humanos (Fórum da Sociedade Civil das Américas, Instituto Sou da Paz, Social Alert), Economia Solidária (Associação para a Promoção da Economia Social e Solidária, Rede Global de Socioeconomia Solidária, Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão), movimentos contra a globalização Neoliberal (ONG – 50 Anos Bastam, Alternativas para as Américas, Aliança Social Continental, Grito dos Excluídos, Conferência Internacional contra a Desregulamentação), Movimento dos Sem Terra (CATTANI, 2001, p. 251-255). Integrantes de movimentos considerados mais radicais como o *Ejército Zapatista de Liberación Nacional do México*, as *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia*, anarquistas, anarco-comunistas, autonomistas, etc. também estiveram presentes no FSM.

Esta gama de movimentos heterogêneos pode ser analisada (recodificada) pelo prisma da luta ideológica de classes? Se interpretássemos por esse prisma (apenas), incorreríamos em um erro reducionista que, de acordo com Gregolin (2004), Courtine afirmou “estar na base do projeto althusseriano: ‘a redução do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do

[14] As revoluções precisam, efetivamente, de um elemento passivo, de um fundamento material. Num povo, a teoria realiza-se somente na medida que é a realização das necessidades" (MARX, 1978:p. 9)

discursivo ao sintático'" (GREGOLIN, 2004, p. 154). Discorrendo a cerca dos problemas teóricos da AD no início dos anos 80, a autora também afirma que um deslocamento político se faz(ia) necessário para se afastar da:

> leitura marxista que insistia na *luta de classes*, pois o panorama econômico estava em transformação: a 'classe operária' estava desaparecendo, adquirindo uma nova identidade como decorrência das configurações econômicas da globalização e das novas relações no 'mundo do trabalho' (...) As categorias althusserianas de 'luta de classes', de 'interpelação ideológica' e a insistência de Pêcheux em pensar centralmente no 'lingüístico' já não cabiam nesse novo mundo que se desenhava pleno de heterogeneidades. (Ibid, p. 154)

Um mundo pleno de heterogeneidades precisa de novas abordagens que levem em conta as alterações no *mundo do trabalho* e se utilizem de um estojo de instrumentos capaz de analisar fenômenos para além da luta de classes. Gregolin (2004) propõe uma abordagem da AD mais próxima da microfísica do poder foucaultiana. De acordo com esta proposta, o conceito de luta de classes não é descartado. Gregolin esclarece que a leitura que Pêcheux fez, em determinado momento, da obra foucaultiana, caracterizando-o como marxista paralelo por *recalcar* a luta de classes, não se mostra justa sob a luz dos últimos trabalhos de Foucault. O que ocorre é que as análises do Foucault genealogista enfocam as "micro-lutas, já que não há um centro único de Poder, pois ele se espalha por toda topografia social – e sendo micro-lutas, elas transcendem a clássica noção de 'luta de classes'" (Ibid. p. 133). Portanto, ainda de acordo com a autora, se Foucault não trabalha com os conceitos de *ideologia* e *luta de classes* "é porque pensa uma 'analítica do poder' pela lente de uma microfísica" (Ibid. p. 131).

Segundo Lopes da Silva (2002), que colocou a questão do *que é ser marxista hoje* para os analistas de discurso, Foucault, ao elaborar sua microfísica, construiu conceitos mais apropriados que os clássicos conceitos marxistas para a compreensão dos fenômenos estudados por ele.

> Em lugar da luta de classes, a guerra de "todos contra todos", cujos átomos são "os indivíduos e até os subindivíduos"(...); em lugar da ideologia, a materialidade dos corpos e dos efeitos do poder sobre eles; em lugar da ação conjugada dos aparelhos de estado, um poder que vem de baixo, que se exerce no cotidiano das terminações sociais e que, se funciona globalmente, o faz a partir de articulações que começam nesse nível capilar; por fim, em lugar da determinação econômica, um funcionamento muito mais sutil que engloba, por um lado, um "processo de

> sobredeterminação funcional" e, por outro, um "processo de preenchimento estratégico"[15]. (LOPES DA SILVA, 2002, p. 197)

Fenômenos como a multiplicidade ou heterogeneidade dos novos movimentos de esquerda da atualidade, com sua variada gama de correntes e facções que foram e são mobilizadas em eventos como o FSM, exigem uma abordagem microfísica. Nossa análise, no presente trabalho, se restringiu a uma leitura introdutória de um dos fenômenos políticos da atualidade pelo prisma discursivo.

A análise do *slogan* nos permitiu compreender um pouco melhor como se dá o engajamento e a mobilização de uma multidão heterogênea através da retomada de uma polêmica histórica (esquerda *versus* direita). Além disso, pudemos verificar como a noção negativa *fragmentação das esquerdas* ganhou um valor positivo na canção *Unimultiplicidade*, canção que coloca a questão central do FSM: Como construir uma unidade estratégica[16] com movimentos, ativistas e entidades tão heterogêneos?

Para a AD, as questões, nos parece, são outras. Deslocando um pouco a pergunta de Lopes da Silva (2002), cabe indagar qual é a função política do analista de discurso hoje? Qual é seu papel frente aos novos movimentos de esquerda?

Uma alternativa possível foi articulada por Deleuze e Foucault (2004) quando, em um diálogo entre os dois, se indagaram sobre a função do intelectual em relação ao poder. Segundo Foucault, o papel dos intelectuais não é o de ser porta voz de uma verdade muda das massas, pois estas "sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; elas o dizem muito bem" (FOUCAULT, 2004, p. 71). O papel dos intelectuais e, podemos acrescentar, dos analistas de discurso hoje "é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e

---

[15] Lopes da Silva cita dois trechos da *Microfísica do Poder* de Foucault [1984] 2004, respectivamente: p. 257 e p. 245.

[16] Esta *necessidade* de "unidade estratégica" tem como pressuposto uma determinada teoria do poder que nós não problematizamos em nosso texto, mas seria interessante correlacionar essa teoria com a metafísica do Um como Bem da cultura ocidental (CLASTRES, 1990) em trabalhos posteriores.

o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso” (Ibid. p. 71). Da perspectiva foucaultiana, não interessa tanto se alçar para além da Ideologia em nome de uma suposta verdade histórica ou concreta, mas interessa questionar os regimes de verdade de nosso tempo.

O saber/poder, a vontade de verdade e a ordem do discurso são temáticas que o filósofo aborda em seus últimos estudos no *College de France*. Em sua aula inaugural, Foucault (1999) se indaga sobre a relação entre poder e discurso. “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?” (FOUCAULT, 1999, p. 8). Para o autor, existem mecanismos que impedem a proliferação de discursos. Entre estes mecanismos, a vontade de verdade é o sistema de exclusão que mais se reforça em nossa época. A partir de uma abordagem microfísica, Foucault propõe questionar estes mecanismos de controle da produção discursiva.

Gregolin (2004) parece trilhar o mesmo caminho quando, embasada em Courtine, retoma a proposta “pecheutiana-foucaultiana” e expõe “os princípios indicados por Michel Foucault (1971a)[17] para análise do discurso” (GREGOLIN, 2004, p. 186). Os princípios são aqueles que permitem analisar como funcionam os mecanismos que controlam a proliferação discursiva.

Da perspectiva da multiplicidade dos movimentos de esquerda, esta abordagem microfísica serve como um instrumento de análise para entender relações de poder e dominação insuspeitas. No diálogo com Foucault (2004), Deleuze valoriza o termo multiplicidade ao questionar o conceito de representatividade.

> Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser consciência deles. Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede. (FOUCAULT, 2004, p. 70)

[17] A nota bibliográfica é referente a uma edição antiga do livro *A Ordem do Discurso*.

A proposta deleuziana está em sintonia com a multiplicidade dos movimentos e eventos de esquerda da atualidade presentes no FSM, entre outros. A ação direta substitui a política representativa. A *rede* e *revezamento* substituem a hierarquia tradicional entre aqueles que trabalham com as idéias e os outros que trabalham com as mãos.

Em seguida, Deleuze lembra que os livros de Foucault questionavam a legitimidade de falar pelos outros. Em nossa leitura, Pêcheux (1997) levantou a mesma questão, pelo prisma da AD. O autor afirmou que “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja” (PÊCHEUX, 1997, p. 304) ao re-elaborar o conceito de sujeito a partir do sujeito cindido. Nesta problemática, a AD e a proposta deleuziana-foucaultiana convergem. Como criar condições para que cada um pense e fale por si mesmo? Problematizando *os dispositivos de poder/saber*, questionando os regimes de verdade e ouvindo o *formigamento* dos discursos no cotidiano.

A AD iniciada por Pêcheux e a genealogia de Foucault são caixas de ferramentas que estão à disposição para exercermos nosso papel nas lutas dos movimentos sociais de nossa época. Cabe a nós, analistas de discursos, nos apropriarmos destas ferramentas para em seguida fornecê-las aos multíplices ativistas alternativos da atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Se quisermos libertar o mundo de tanta falta de liberdade, não o façamos por amor a ele, mas por amor a nós: pois, uma vez que não somos salvadores do mundo por profissão ou por "amor", tudo o que queremos é roubá-lo de outros.
>
> Stirner

A questão mais importante que o evento do FSM e os movimentos antiglobalização colocam é: que rumo as esquerdas tomaram depois da queda do muro de Berlim? Pode-se até questionar se estes são realmente movimentos de esquerda, se têm condições concretas de transformação da sociedade ou se as correntes predominantes em seu seio não são moderadas/extremistas demais. Contudo, é necessário atentar para o espaço vazio que (de uma forma bem diferenciada) estão preenchendo: espaço vazio deixado pelas antigas Internacionais dos Trabalhadores (WOODCOCK, 2002). Surgidas no século XIX como resultado das lutas revolucionárias do proletariado, elas foram entidades mobilizadoras e organizadoras da classe trabalhadora em nível mundial. O próprio Marx fez parte da 1ª Internacional. No entanto, o socialismo científico só se consolidou como referencial maior na 3ª Internacional, após a revolução bolchevique na Rússia e o fracasso da revolução espanhola com o, conseqüente, enfraquecimento do adversário histórico do marxismo dentro do movimento proletário: o anarquismo. Podemos dizer que o marxismo se manteve como a grande referência da esquerda durante os 80 anos de duração da URSS. Embora em crise desde a década de 60 do século XX, ele só perdeu grande parte de seu potencial de mobilização das massas trabalhadoras com a desestruturação do bloco soviético.

O vazio ideológico começa agora a ser lentamente preenchido por uma heterogênea gama de discursos e posições políticas - umas antigas, outras novas. Cabe a todos envolvidos decidir se essa multiplicidade pode e deve ser unificada para fins de ordem estratégica. Questão espinhosa que passa antes por outra: a de entender o que se passa na atualidade, pois se Marx estava certo quando afirmou que não basta interpretar o mundo, mas que é preciso transformá-lo, não esqueçamos, contudo, que antes de transformá-lo é necessário interpretá-lo – e munidos dos *estojos de ferramentas* adequados para tanto. A microfísica de Foucault pode, portanto, ajudar-nos a afinar os instrumentos de análise e interpretação da AD para o estudo dos fenômenos da atualidade. E pode colocar questões *imperdoáveis* para a AD também, questões que, no entanto, já apareceram em sua trajetória (GREGOLIN, 2004). Tratar-se-ia então de recolocá-las.

Durante uma entrevista sua na Bélgica, em 1981, Foucault (2003 b) não quis ser identificado como anarquista, dizendo que algumas correntes do pensamento libertário se embasavam nas *necessidades fundamentais do ser humano*. Foucault recusava-se a ser localizado pelo poder. Era próprio de sua filosofia questionar essas formas de construções de identidade, que deslindam uma massa caótica para distinguir indivíduos que serão assim mais facilmente controlados e disciplinados. Em seu campo, segundo Maldidier (2003), Pêcheux também questionou a função que a AD exerceu nos seus primórdios, quando o objeto privilegiado desta teoria era "o discurso político, mais precisamente o discurso do aparelho; melhor ainda o discurso comunista" (MALDIDIER, 2003, p. 75). Pêcheux se perguntava, na época, se a AD não buscaria fazer a ortopedia do discurso político já tão sujeito a falhas.

Acreditamos que os questionamentos de Foucault e Pêcheux convergem neste ponto. Pois, ao pôr em questão a ortopedia ideológica da AD, Pêcheux critica o policiamento dos discursos políticos efetuado pelos aparelhos partidários da década de 60. Na perspectiva de Foucault, este policiamento poderia ser entendido como uma forma de exercício de saber/poder que os aparelhos exerceriam para distinguir, localizar e disciplinar os discursos, quiçá, divergentes da época.

Pêcheux também apontava novos caminhos para a AD ao valorizar o estudo do "formigamento dos discursos ordinários, o exame das falas anônimas, o convencional" (MALDIDIER, 2003, p. 75). Aproximando-se de De Certeau (2001),

vislumbrava uma AD que trabalhasse com as materialidades discursivas “implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido” (PÊCHEUX, 2002, p. 49). O autor ressaltava ainda que este projeto só iria adquirir consistência se se mantivesse afastado de qualquer *ciência régia* – positivista ou *ontologia marxista*. Contudo, ainda que Pêcheux se afaste do marxismo neste projeto, o conceito de materialidade discursiva continua presente no arcabouço teórico da AD. Acreditamos que o conceito de materialidade específica permanece rendendo uma abordagem rica em possibilidades de trabalho, não parecendo implicar necessariamente uma *recodificação* de todo e qualquer discurso a uma ontologia marxista.

O termo *recodificação* é de Deleuze (1985). Em *Pensamento Nômade*, o filósofo comenta *Nietzsche, Freud e Marx* onde Foucault, autor deste texto, trabalhou os três enquanto hermeneutas do século XX. Três hermeneutas que puseram em questão saberes homogeneizadores em prol de interpretações infinitas e auto-reflexivas. No entanto para Deleuze, Nietzsche não se encontra no mesmo patamar dos outros dois, pois a psicanálise e o marxismo acabam por *recodificar* a subjetividade e a sociedade. A psicanálise recodifica a subjetividade pela família, pelo Édipo; o marxismo recodifica a sociedade via Estado. Já no caso de Nietzsche temos, segundo Deleuze (1985), uma contracultura que não permite recodificação alguma. No horizonte já não há mais nada a ser interpretado, e a questão que retorna sempre é: Quem interpreta? Quem analisa? Para que analisa? De que lugar analisa?

Desta perspectiva a pergunta pelas posições ideológicas dos participantes do FSM perde, em grande parte, seu valor. O *formigamento* dos discursos no cotidiano destes movimentos heterogêneos pode produzir acontecimentos que irrompam para além das estruturas, ocasionando fissuras no monocromático prisma das formações ideológicas historicamente estabilizadas. Uma análise microfísica, ao deslocar nossas questões, talvez consiga interpretar *outros sentidos possíveis* para além da mesmice do discurso neoliberal capitalista que ainda se impõe aos *nossos mundos* e entorpece *nossas* vidas.

BIBLIOGRAFIA

AÇÃO GLOBAL DOS POVOS (AGP). Disponível em: <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/pt/introducao.htm>. Acesso em: 12 jun. 2004.

ALTHUSSER, L. **Lenin et la Philosophie**. Paris: Maspero, 1972.

___. **Posições**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ARTURI, C. **Contestação Internacional**. Disponível em: <www.cienciapolitica.org.br/RI2-Carlos%20Arturi.pdf>. Acesso em: 20 out. 2004.

ARISTÓTELES. Física. Livro I–III. Tradução de Lucas Angioni. **Clássicos da Filosofia**. Cadernos de Tradução**,** Campinas, IFCH/ Unicamp, nº1, 2002.

AUTHIER-REVUS, J. Hétérogeneité montrée et hétérogeneité constitutive: élements pour une approuche de l'autre dans le discourse. **DRLVA**, Paris, Centro de Pesquisa da Universidade de Paris VIII, 26, p. 91-151, 1982.

BAKUNIN, M. **Textos Anarquistas**. Seleção e Notas de Daniel Guérin. Tradução de Zilá Bernd. Porto Alegre: L&PM, 2002.

BOITO JR. A. **Neoliberalismo e relações de classe no Brasil**. Disponível em: <http://sindicalismo.pessoal.bridge.com.br/Textintermed2003.htm>. Acesso em: 12 set. 2004.

CASSEN. B. Uma Virada política e Cultural. In:____. **Fórum Social Mundial**: a construção de um mundo melhor. Porto Alegre: Universidade - UFRGS, Corag, Veraz Comunicação; Petrópolis: Vozes, Unitrabalho, 2001. p. 15-18.

CATTANI, A. D. (org.). **Fórum Social Mundial**: a construção de um mundo melhor. Porto Alegre: Universidade - UFRGS, Corag, Veraz Comunicação; Petrópolis: Vozes, Unitrabalho, 2001

CHÂTELET, F. DUHAMEL, O, PISIER-KOUCHNER,E. **História das Idéias Políticas.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CLASTRES, P. **A Sociedade Contra o Estado:** Pesquisas de Antropologia Política. Tradução de Theo Santiago. [S.l.] Francisco Alves, 1990.

COURTINE, J. J. **Analyse du discours politique**: Le discours communiste adressé aux chrétiens. Langages n 62, jun. 1981.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlando e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

___. Pensamento Nômade. In:.MARTON, S. (org.). **Nietzsche hoje?** São Paulo, Brasiliense, 1985.

DELUIZ, N. Formação do Sujeito e questão Democrática em Habermas. **Boletim Técnico do Senac.** v. 21 n.1 jan./abr. 1995.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.

___. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU, 2003.(a)

___. **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária., 2003, 5 v .(b)

___. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

___. **Vigiar e Punir**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL (FSM). Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/>. Acesso em: 15 jun. 2004.

FUKUYAMA, F. **O Fim da História e o Último Homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GORBACHEV, M. **Perestroika**. Novas idéias para o Meu País e o Mundo. Tradução de J. Alexandre. São Paulo: Círculo de Livro, 1987.

GREGOLIN, M. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos**: o Breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

___. **68.** Disponível em: **<**http://members.tripod.com/~Picheli/Hobsbawm. htm>. Acesso em: 4 abr. 2004.

___. **Tempos Interessantes**. Uma vida no século XX. Tradução de S. Duarte. São Paulo. Cia. das Letras, 2002.

LEBRUN, G. **Passeios ao Léu**. Ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LÊNIN, V. I. **Esquerdismo, doença infantil do comunismo**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2004.

LOPES DA SILVA, F.L. Estranhos Espelhos: Foucault, o Marxismo e a AD Francesa. **Sínteses**: Revista dos Cursos de Pós-Graduação. Campinas, SP: IEL/Unicamp, p.191-200, 2002.

LÖWY, M. **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchausen**. Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento. Tradução de Juarez Guimarães, Suzanne Felicie Léwy. São Paulo: Busca Vida, 1987.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências da Análise do Discurso.** Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1993.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso**. (RE)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, B. **O Comunismo Imaginário, práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. Tese (Doutorado em Lingüística) - Unicamp, Campinas, 1996.

MARX, K. **A Questão Judaica**. São Paulo, Moraes, 1978.

___. Engels, F. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

NEGRÃO, J. J. **Para conhecer o Neoliberalismo**. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**. As Formas do Discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

___. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes: 2002.

___. **Interpretação**: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

___. **Terra à Vista**. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas. Ed. Unicamp, 1997.

___. **O Discurso**. Estrutura ou Acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

___. **Papel da Memória**. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória.** Tradução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PULEDDA, S. **A Crise do Humanismo Histórico e o Novo Humanismo.** Disponível em: < http://www.teotonio.org/crise.htm>. Acesso em: 10 mai. 2005.

RAMONET, Ignácio. **O Pensamento Único**. In: MALAGUTI, Manoel Luiz; CARCANHOLO, Marcelo D.; CARCANHOLO, Reinaldo (Org.). A Quem Pertence o Amanhã? Ensaios sobre o Neoliberalismo. São Paulo: Loyola, 1997.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

STIRNER, M. **O Único e a sua Propriedade**. Tradução de João Barrento. Lisboa, Potugal: Atígona, 2004.

TRAGTENBERG, Maurício. **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

WHITAKER, F. **Fórum Social Mundial**: origens e objetivos. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/fsmrn/divulgar/origem.html>. Acesso em: 30 nov. 2004.

WOODCOCK, George. **História das Idéias e Movimentos Anarquistas**. Volume 2 O Movimento. Tradução de Júlia Tettamanzy et. al. Porto Alegre: L&PM, 2002.

WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). Disponível em: <http://www.weforum.org/>. Acesso em: 22 jun. 2004.